

JORNALISMO CULTURAL:

Um exercício de valor

ANGELI ROSE

Angeli Rose

JORNALISMO CULTURAL

Atena Editora
2017

2017 by Angeli Rose

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: A autora

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R795j Rose, Angeli. Jornalismo cultural [recurso eletrônico] / Angeli Rose. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2017. 66 p. ; 3.934 kbytes Formato: PDF ISBN 978-85-93243-47-9 DOI 10.22533/at.ed.479171411 Inclui bibliografia 1. Cultura. 2. Jornalismo – Aspectos sociais. 3. Jornalismo cultural. I. Título. CDD-079.81

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

2017

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Atena Editora

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

1.	INTRODUÇÃO.....	4
2.	JORNALISMO CULTURAL	6
2.1.	Cultura.....	6
2.2.	O jornalismo cultural	6
2.3.	Os cadernos culturais.....	8
2.4.	Os gêneros discursivos	9
2.4.1.	Os gêneros jornalísticos	10
2.5.	A análise de discurso	17
2.5.1.	A visão de Foucault.....	17
2.5.2.	Os gêneros do discurso e sua aplicabilidade no jornalismo.....	20
2.6.	O Jornal Valor.....	23
2.6.1.	Grupo Globo	25
2.6.2.	Grupo Folha.....	28
3.	METODOLOGIA DE PESQUISA	33
4.	ANÁLISE EMPÍRICA E DISCURSIVA	41
5.	ENTREVISTA DE VALOR	48
5.1.	Jovem escritora de valor	48
5.2.	Entrevista com valor.....	50
5.3.	Alguns valores em questão.....	53
6.	CONCLUSÃO	54
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
	ANEXO II.....	61
	Sobre a autora.....	66

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural significa mais do que escrever críticas de teatro ou de filmes ou fornecer o serviço completo sobre eventos. O jornalismo cultural permite a experimentação de novas e complexas estruturas da indústria cultural que ajudam a criar a cultura. Os jornalistas culturais são os mediadores críticos entre os produtores criativos e uma audiência culturalmente interessada.

O Jornalismo cultural, dessa forma, pode ser compreendido como o ramo de trabalho jornalístico projetado para cobrir todas as manifestações do conceito amplo que abrange o período de cultura no cotidiano da vida da sociedade principalmente de arte, teatro, música, cinema e literatura. Neste estudo, a cultura é entendida como um sistema de valores, normas, formas, rituais e símbolos, emergindo das práticas cotidianas em sociedade. Dentro desse contexto, o jornalismo cultural possui duas vertentes: a organização da mídia e da cultura como um sistema.

Nesse sentido, Daniel Piza (2009) traça parte da realidade do jornalismo cultural brasileiro de modo bem direto e até didático, tanto que sua obra “Jornalismo Cultural” tem sido referência para vários estudantes e aspirantes à prática do jornalismo cultural em geral. Sem abrir mão de uma visão politizada subliminar, o autor indica o quanto estar em segundo plano também é revelador da concepção de cultura, de jornalismo e de uma produção crítica que esteja comprometida com a formação de um pensamento crítico. Citamos:

Essa expressão jornalismo cultural, é um pouco incômoda, especialmente para os objetivos desse livro, porque parece tratá-lo da mesma forma como tantas vezes ele ainda é tratado pela grande imprensa brasileira – desempenhando um papel algo secundário, quase decorativo. Os segundos cadernos tem uma importância para a relação do jornal – que é muito maior do que se supõe. Além disso, há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com seu tratamento segmentado; afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens (p.7).

As mídias juntamente com os avanços tecnológicos modificaram a forma como a sociedade absorve e transmite informações, assim, a forma de propagação de cultura ganhou um motor propulsor que deve ser considerado dentro do jornalismo cultural.

Em relação à cultura ser parte de um sistema, verifica-se que tudo que é produzido pela sociedade não pode deixar de ser considerado dentro do jornalismo cultural que sofre diretamente influências da Literatura, Filosofia, Antropologia, etc.

O jornalismo cultural da atualidade apresenta um levantamento das práticas cotidianas que expressam a forma como a sociedade pensa, sente e estabelece sua relação com o mundo presente e com o passado. Reportagens do jornalismo cultural podem ser avaliativas, crônicas ou entrevistas. Essas reportagens podem fazer parte de suplementos de jornais e revistas, programas de rádio e televisão, *fanzines*, sites,

seções de cultura de jornais, blogs e redes sociais,sem esgotarmos,porque a cada dia parecem estar surgindo mais gêneros para a produção da área.

Os conceitos de cultura e de produtos culturais geram controvérsia e até confusão. Os meios de comunicação, especialmente a mídia impressa, podem ser diferentes entre si e no tempo quando selecionam, analisam, avaliam e consideram fatos ou itens que vão ocupar o espaço de várias seções, suplementos e revistas culturais.

Atualmente, a cultura vem ganhando cada vez mais espaço nos periódicos, seja por interesses comerciais, para adquirir prestígio ou por uma preocupação genuinamente cultural. Mas isto é ainda uma questão que demanda reflexões, pois o que é cultura de fato, ou o que as pessoas estão comentando, entre leigos, confunde-se entre serviço de informação sobre eventos culturais e crítica cultural e, ou estética.

Todo mundo “fala” sobre a cultura, e ela inevitavelmente é organismo vivo dentro da sociedade. A cultura é fabricada como um rótulo social nas seções de jornais, que é a matéria-prima das instituições sociais, onde artistas e intelectuais sempre buscam estar com visibilidade.

Um estudo sobre a cultura e a comunicação pode ser abordado a partir de uma perspectiva jornalística, buscando definições, analisando as tendências de estudo no âmbito das ciências sociais, entrevistando atores sociais e observando – se com metodologia etnográfica objetos e documentos da cultura ou uma produção cultural e estética como mediadores culturais.

Aqui, o nosso objetivo principal desse estudo é desenvolver um exercício de leitura crítica sobre algumas das características do jornalismo cultural, que podem ser evidenciadas no Caderno Cultural *Eu & Fim de semana* do jornal “Valor Econômico”, encarte semanal deste jornal impresso que chega até as bancas às sextas-feiras ou até vésperas de feriados (se estes caírem na sexta-feira), com a ressalva de que o jornal também está *on line*, podendo ser plenamente acessado por assinantes. Para tanto, apresentaremos breve definição de “jornalismo cultural” e seus gêneros discursivos principais, além de situarmos a produção na contemporaneidade, sem deixar de considerar uma linha histórica. Em seguida, desenvolveremos os pressupostos teóricos da análise do discurso, apoiada em parte da obra do filósofo Michel Foucault, entre outras referências teóricas. Posteriormente, apresentaremos alguns casos bem sucedidos, do ponto de vista mercadológico de empresas que apresentam o produto “caderno cultural”, buscando situá-los sócio-culturalmente até chegarmos ao referido caderno do jornal “Valor econômico”, *Eu & fim de semana*. A partir de então, explicitaremos a metodologia de pesquisa utilizada, para em seguida passarmos à análise objetivada. E a título de adensar o material, objeto de crítica e reflexão, neste exercício de leitura, transcrevemos a entrevista realizada com a colunista Tatiana Salen Levy, escritora e ficionista, que quinzenalmente responde pela coluna “Outros escritos” do caderno, revezando-se com outra colunista Eliane Cardoso.

2. JORNALISMO CULTURAL

2.1. CULTURA

Atualmente, a cultura é entendida como uma "maneira de falar das pessoas de forma coletiva", indicando comportamento, tendências, entre outros sentido-se funções, e refere-se à ideia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade, de modo genérico. Tal concepção leva-nos a perceber que existam tantas culturas quantas comunidades de cidadãos organizados em função de questões de afinidade e interesses. Entretanto, cabe ressaltar que em sociedades profundamente desiguais no sistema capitalista, a cultura também tornou-se uma mercadoria, a ponto de reificar as produções e os sujeitos que as produzem.

Em 1871, Edward Taylor começou a desenvolver o conceito de cultura como "todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como um membro da sociedade".

De acordo com Nadler (1993) o termo "cultura" foi originalmente usado na Alemanha no final do século XVIII em estudos de História, e foi usado para descrever um tipo de evolução no progresso da humanidade.

Na língua francesa o uso da palavra originalmente tinha o significado de culto religioso (cultura), embora os termos alta costura ou coture também foram usados para designar um campo lavrado e semeado. Somente muito tempo depois, os franceses usaram genericamente o termo cultura para designar a formação do espírito (HANDY, 1994, p.80).

Assim, posteriormente, cultura passou a significar também o progresso intelectual de uma pessoa, confundindo-se com o termo erudição e, mais em geral, uma das atividades humanas. A cultura é uma resposta dos seres humanos às exigências do seu meio ambiente. Todos nós temos uma "cultura", enquanto participamos de um grupo humano, onde desenvolvemos uma série de estratégias para enfrentar o ambiente que nos rodeia. Trata-se então de um termo polissêmico e diante de tal semântica plural, o jornalismo cultural também vê-se articulado a esses sentidos vários.

2.2. O JORNALISMO CULTURAL

O jornalismo cultural é a forma de conhecer e difundir os produtos culturais de uma sociedade através dos meios de comunicação de massa (BALLERINI, 2006).

O jornalismo cultural é uma zona complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam acontecimentos da sociedade com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou de divulgação os terrenos das belas artes, belas letras, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular

e muitos outros aspectos que tem a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem se importar com a sua origem ou destino (OLINTO, 2003).

O jornalismo cultural pode ser entendido como um jornalismo especializado que pode se apresentar de maneira impressa ou audiovisual e hoje também amplamente informatizado e digitalizado. O periodismo cultural ocupa um lugar imprescindível nos meios de comunicação devido a sua grande aceitação social (BALLERINI, 2006).

Inicialmente este jornalismo possui uma grande responsabilidade social, sua responsabilidade é difundir a cultura na sociedade. É um todo onde se incluem questões inerentes à educação, às tradições, aos ritos e aos costumes de uma sociedade; porém, ele não se trata de um conjunto de manifestações culturais da elite, ele também inclui manifestações cotidianas, como uma partida de futebol ou o perfil de uma rede social (ARBEX JR., 2001).

O jornalismo cultural está implícito em atividades, tais como (OLINTO, 2003):

- Arte
- Cinema
- Teatro
- Literatura
- Música

Existem pesquisadores que buscam por um conceito mais amplo de cultura e que consideram conveniente a inclusão do jornalismo cultural nos âmbitos como da moda, arquitetura, de folclore, da ciência, história, filosofia, de videogames ou de qualquer outra tendência de manifestação cultural (ARBEX JR., 2001).

O jornalismo cultural busca evitar o perigo que é a homogeneização de conteúdos e o enfoque causado pela influência das indústrias culturais (especializadas em seus produtos exclusivos), ao mesmo tempo ele pode fomentar o potencial crítico de qualquer criação para que a sociedade seja capaz de compreender a sua significância (BALLERINI, 2006).

Esse critério, algumas vezes, supõe baixar a qualidade da informação cultural, não tanto na qualidade da informação em si, mas na forma de transmissão da mesma, fazendo com que a informação dada nem sempre venha a ser transformada em conhecimento (ARBEX JR., 2001).

Assim, seguindo esse critério, uma notícia sobre um CD novo a ser lançado, de música clássica que reproduza o seu lançamento em uma nota na imprensa terá um valor jornalístico informativo e cultural, por exemplo. (BALLERINI, 2006).

Essa visão nos oferece, de fato, uma perspectiva, de um aspecto que é conhecer melhor o mundo em que vivemos. Centrar a definição de cultura no aspecto comunicativo do conceito, e conseqüentemente centrar a definição de periodismo cultural na figura do jornalista (dado que ele é autor da ação comunicativa cultural) e não nos conteúdos, requer um olhar sobre as funções e, sobretudo, sobre a maneira de proceder do jornalista cultural (BALLERINI, 2006).

Entre as funções do jornalista cultural está a habilidade para selecionar a informação de interesse deixando de lado aspectos pessoais ou qualquer outra

questão que desvirtue a comunicação e a informação. As informações devem ser passadas de forma imparcial e o jornalista cultural deve ter a capacidade de contextualizar de forma adequada o fato cultural para que ele tenha notoriedade e despertar interesse da sociedade (OLINTO, 2003).

Em alguns momentos o jornalista cultural vivencia um embate entre a teoria e a prática, por um lado, o jornalista precisa se desvencilhar de preconceitos e, por outro lado, é necessária a contextualização da informação. Entretanto, o profissional busca uma visão ampla desse contexto, intencionando também ser imparcial até certo ponto. Essa questão de imparcialidade é um pouco polêmica, pois não há como ser totalmente imparcial, se o que está em pauta é uma crítica literária, ou de um filme, ou de qualquer outra expressão artística (OLINTO, 2003). Isto é, as reflexões que partem das experiências do autor, das considerações desenvolvidas em questão, por exemplo, por um ensaísta ou um colunista, sempre trarão os referenciais que formam aquele pensamento ou que dizem respeito às condições de produção daquele comentarista ou crítico.

2.3. OS CADERNOS CULTURAIIS

Os cadernos culturais dentro dos jornais mostram notícias relacionadas à música, à TV, ao cinema, ao rádio, livros, artes plásticas, etc. Mas quando os cadernos e os suplementos culturais apareceram no Brasil?

Na história da imprensa brasileira, eles surgiram na década de 60, e desde o seu início sempre apresentaram como características inovação nos aspectos gráficos e nas formas de linguagem. O *Caderno B* do Jornal do Brasil, que teve um grande desempenho e aceitação de público na época podia contar com seus colaboradores grandes nomes da literatura brasileira como Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade (MARTINS, 2003). Com essa preocupação na escola de bons autores, o escrever bem predominava nos textos produzidos, dando exímia qualidade ao Caderno (OLINTO, 2003).

Clarice Lispector entre os anos de 1967 e 1973 publicava uma vez por semana no Caderno B, e a sua coluna era como um diário que teve uma grande aceitação do público do jornal. A escritora possuía liberdade para escrever em relação ao conteúdo e a forma usada, como é esperado que tenham todos que se dedicam à escrita jornalística (BALLERINI, 2006).

Após a experiência pioneira com o Caderno B, todos os principais jornais formularam seus suplementos: Caderno H (Zero Hora); Dia D (O Dia); Tribuna Bis (Tribuna da Imprensa); Caderno 2 (O Estado de S. Paulo).

Com a disseminação dos cadernos culturais, houve uma especialização que os transformou em suplementos diários, contendo críticas de eventos artísticos; notas sobre apresentações de shows, cinemas, teatros, etc. Essas particularidades não existem em jornais na Europa e nos Estados Unidos, pois nesses locais os cadernos culturais se resumem a suplementos nos grandes periódicos ou em revistas especializadas (OLINTO, 2003).

O jornalismo cultural tão inovador surge no contexto brasileiro em um período de grandes repressões políticas e censura, os cadernos culturais nas décadas de 60 e 70 eram destinados a um público muito exigente. Os textos publicados traziam em seu teor um grande aprofundamento e contextualização dos assuntos abordados. O maior mérito dos cadernos dessa época é que eles foram capazes de criar um vínculo de afetividade com leitores que podiam dialogar com os colunistas. Os textos literários, como é sabido por muitos pesquisadores e comentaristas, são mais elitistas. De alguma forma, os textos das crônicas eram bem mais acessíveis à compreensão dos leitores de diferentes classes, o que certamente trazia uma maior compreensão e aproximação do público com os cronistas (OLINTO, 2003).

Atualmente, o jornalismo cultural engasga na mercantilização da cultura, ou seja, a arte atualmente é muitas vezes compreendida como mercadoria, e os periódicos em seus suplementos são apenas transmissores de mensagens e serviços, e com esse comportamento acabam sendo focalizados predominantemente circuitos mais restritos e patrocinados, o que certamente diminui o acesso a informações culturais mais diversificadas (MARTINS, 2003).

2.4. OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Conforme as teorias de Bakhtin, os gêneros discursivos da matéria jornalística impressa dividem o espaço da página, são estáveis e expressão da comunicação.

Para Bakhtin¹, segundo Fiorin que é especialista e leitor desse pensador (2000), o “enunciado” deve ser analisado isoladamente, mas o processo comunicativo traz à tona tipos diferenciados de enunciados, formando o que se chama de gênero de discurso. Esse gênero é fruto do ato comunicacional que promove os diálogos entre os indivíduos e entre textos e contextos. No processo comunicativo não há apenas as trocas de palavras ou frases, o que ocorre é a troca de “enunciados” que se utilizam dos recursos da língua formal: “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (2003:295).

A partir do advento da Revolução Industrial em meados do século XVIII, com a transição de uma sociedade feudal para uma sociedade capitalista, as máquinas eram usadas como instrumento para aprimorar a produção industrial. Nesse contexto, nasce a imprensa. Seu início no Brasil é no início do século XIX no Rio de Janeiro que era centro econômico e das decisões políticas.

Desde o início do desenvolvimento da imprensa a questão do custo da produção já era sentida e a solução seria a introdução de anúncios publicitários. Com isso, fica claro que o objetivo da empresa jornalística, não é apenas informar, mas

¹ Pensador que viveu entre 1895 e 1975, mas foi em 1963 que sua obra chamou a atenção do público especializado e acadêmico, quando o trabalho sobre Dostoiévski foi reeditado. O filósofo da linguagem, pertencente ao círculo de Praga, entre vários temas, dedicou-se à análise da criação verbal estética, que vem até hoje alimentando debates em torno de questões estéticas produzidas nas culturas em geral.

também ter lucro sobre a concessão de informação e sobre os anúncios veiculados.

Nesse sentido, a questão vital é compreender que na aliança entre jornalismo e publicidade existe uma relação de interdependência, na qual parte dos recursos arrecadados pelos jornais provém da publicidade, que se utiliza desse espaço para estimular os seus conteúdos. Mas, cabe ressaltar que uma revista cultural é um produto como qualquer outro que necessita vender e obter lucro.

Entretanto, sob o aspecto do discurso, o jornalismo quanto à publicidade têm a função de informar, diferindo apenas em seus objetivos: o jornalismo forma opinião; a publicidade, consumidores, a fim de girar a economia, manter empregos e até mesmo sustentar o próprio veículo de comunicação.

O jornalismo impresso, para aumentar o poder de comunicação com o leitor, limitou seu código linguístico para facilitar a composição da mensagem, adotando a utilização da 3ª pessoa, opção por uma linguagem clara, concisa e direta. Mas estudos de Carvalho (2000) indicam também que a linguagem jornalística utiliza recursos da linguagem cotidiana com o objetivo de informar ou de manipular.

2.4.1. Os gêneros jornalísticos

O termo "gêneros jornalísticos" refere-se a diversos estilos de jornalismo como forma de relato de conhecimento. Jornais e periódicos, muitas vezes contêm características de textos escritos por jornalistas, muitos dos quais se especializam neste tipo de escrita jornalística em profundidade (DUARTE, 2003).

Reportagens são geralmente mais longas, extensas, na escrita e se aprofundam no fato abordado. Elas são muitas vezes combinadas com fotografias, desenhos ou outras "artes", isto é, linguagens. Elas também podem ser destacadas por efeitos tipográficos ou cores. A reportagem tem uma escrita mais rigorosa, precisa, os fatos devem ser narrados de forma fidedigna, mas também precisam conter criatividade para chamar a atenção do leitor. O *lead* (ou os dois primeiros parágrafos da reportagem) devem agarrar a atenção do leitor e ainda incorporar com precisão as ideias a serem relatadas (VILAS BOAS, 1996).

Algumas notícias da televisão mostram experiências com formatos alternativos, e muitos programas de TV que afirmavam serem noticiários não foram considerados como tal pelos críticos tradicionais, porque o seu conteúdo e métodos não aderem aos padrões jornalísticos aceitáveis. Por outro lado, alguns noticiários podem ser considerados como um bom exemplo de mistura de relato direto notícias, recursos e combinações dos dois, geralmente o cumprimento das normas de qualidade (ERBOLATO, 2004).

A maioria dos jornais ainda mantém uma clara distinção entre notícias e reportagem, assim como a maioria de televisão e rádio organizações de notícias. As notícias são uma forma de nos mantermos conectados com a realidade que nos cerca, sem a atualização das notícias ficamos parados no tempo, com os meios midiáticos e com a tecnologia avançada cada vez mais somos capazes de propagar notícias de forma quase instantânea, enquanto que a reportagem é algo mais

completo com uma descrição mais aprofundada, com mais detalhes, as notícias são colhidas, apuradas e transmitidas com uma riqueza de informação maior (PORTENOSTRO, 1999).

Complementa-se que a reportagem pode ser escrita ou falada, ela se refere ao estado atual ou os resultados de um estudo ou pesquisa sobre um tema específico. Em qualquer caso, é necessário que o jornalista prepare todo o material que permite que escreva uma reportagem. O essencial é perceber algo que aconteceu, com uma explicação que permite entender. Na versão escrita, a reportagem geralmente é escrita em prosa informativa (científica, técnica ou comercial) com a finalidade de comunicar a informação a um nível superior em uma organização. Portanto relaciona fatos obtidos ou verificados pelo autor (inquéritos, investigações, estudos ou trabalho). Ela também fornece os dados necessários para uma perfeita compreensão do caso, explica métodos e propõe ou recomenda a melhor solução para o tratado feito (JOBIM, 1990).

Em termos de formato, as reportagens variam de um formato mais simples, com menos títulos indicam os assuntos discutidos em formatos mais complexos, incluindo tabelas, gráficos, imagens, etc. Existem as reportagens científicas, técnicas, divulgação e mistas (CHINNEM, 2003).

A entrevista também é um tipo de gênero jornalístico. Uma entrevista é um diálogo iniciado entre duas ou mais pessoas: o entrevistador ou entrevistadores interrogando e entrevistados respondendo. A palavra *entrevista* deriva do latim e significa "aqueles que vão entre si". É uma técnica ou instrumento empregado por várias razões. Uma entrevista nunca é acidental, na verdade é um diálogo entre interessados, com um acordo prévio entre as partes. A entrevista também pode significar muito para os outros, pois eles podem ajudá-los a conhecer figuras de prestígio social ou significado de algumas situações (COIMBRA, 2004).

No jornalismo, a maioria das entrevistas caem amplamente em dois tipos ou categorias: entrevistas de notícias e entrevistas pessoais. Em uma entrevista, as respostas do entrevistado trazem uma contribuição para a história maior, fornecendo fatos e informações que ajudam a explicar um evento ou uma situação. Uma entrevista pessoal enfoca o entrevistado, que não é apenas um provedor de informações, mas que também pode ser objeto de um perfil ou um fornecedor de informações de um determinado assunto. Uma entrevista pessoal dá uma visão sobre o que está dentro da personagem, o que motiva a ele ou ela, quais são suas aspirações, e quais são os obstáculos em seu caminho (ABRAMO, 1988).

Outras distinções entre os tipos de entrevista entram em jogo quando se considera o papel do entrevistado. Pode ser um especialista sobre um assunto, alguém que dará um relato pessoal, etc. O propósito de uma entrevista é reunir informação que possa ser utilizável para ilustrar sua história. A entrevista pode ser ao vivo ou gravada. Se ele é gravada - o que é mais provável - o resultado final pode ser 15 segundos ou vários minutos. O corte em si poderia ser usado para um boletim de notícias, um pacote ou um documentário. Apesar destes usos variados, os princípios de boa entrevista são os mesmos (LAGE, 2001).

Mas antes de começar, o profissional deve ter uma boa ideia do tipo de

entrevista que está prestes a fazer e o seu propósito. O profissional provavelmente será guiado no presente por breve dada pelo editor de notícias. Lembre-se que a razão para obter áudio através de uma entrevista é ter alguém como especialista, oficial ou testemunha para dizer algo que o leitor de notícias queira saber (HUGH, 1981).

As entrevistas podem ser informativas, essas entrevistas revelam fatos ou opiniões. Por exemplo, 'quantas ambulâncias estão fora da estrada por causa de um problema de manutenção?' Algumas das palavras usadas são cruciais: quem, o quê, onde, por quê, quando e como. Perguntas começando com estas palavras eliciam respostas que não sejam apenas 'Sim' ou 'não', portanto, tornando-os muito mais útil para o fim que se destina. Existem perguntas fechadas, tais como: 'Você acha que as estradas estão seguras?' pode levar um entrevistado simplesmente a dizer 'Sim'. A entrevista visa revelar informações, perguntas fechadas podem ser limitantes. Existem exceções. Em alguns casos uma pergunta direta 'fechada' pode conseguir um efeito dramático: 'Então, depois de três mortes em tantos anos, vai renunciar?' (ABRIL, 2005).

A entrevista interpretativa é bastante diferente. O assunto da entrevista precisa interpretar alguns fatos que já são conhecidos. O jornalista deve fazer perguntas usando a palavra 'o que'. Neste caso, o jornalista não está lidando com uma situação existente (ERBOLATO, 1991).

A entrevista emocional é, de longe, o tipo mais complicado. Ela abrange todos os tons e cores de experiências emocionais humanas. A felicidade da recordista desportiva; a ansiedade de uma mãe cujo filho desapareceu; a raiva de um homem que foi atacado e roubado.

Em uma entrevista emocional, uma certa quantidade de silêncio é dizer mais do que quaisquer palavras, como o sujeito faz uma pausa para reunir os pensamentos dele ou dela, talvez no meio do tumulto mental. Jornalistas são às vezes criticados por explorar as emoções de outras pessoas que podem estar em apuros ou desespero.

Na realidade, ninguém pode ser compelido a falar, se não quiser, e foi dito que as pessoas que sofrem de alguma forma podem encontrar alívio recontando seus sentimentos. Depois de um grande comboio ou acidente em uma auto-estrada, raramente há uma escassez de sobreviventes que estão ansiosos para contar suas histórias, se não tratar de casos clínicos de choque traumático com sequelas momentâneas, que sejam. Muitas vezes é sugerido pelos jornalistas que o ato de descrever uma fuga parece reduzir o choque. No entanto, isto não justifica as ações de uma pequena minoria dos repórteres - às vezes de jornais - que inegavelmente, ultrapassam os limites da decência em seus esforços para conseguir a grande matéria ou um "furo" jornalístico. Todavia, os jornalistas não têm a licença para causar mais sofrimento para as pessoas que já sofrem (ARFUCH, 1995).

Mas quem seria o entrevistador? Alguém que tenha vontade e paciência para realizar com sucesso uma entrevista. Ele precisa falar com uma voz clara, precisa e compreensível. É apropriado para o entrevistador falar em voz ajustável desde que pode ajudar a melhorar de alguma forma ou de outra, o resultado da entrevista. Ele

deve ter a capacidade de tornar compreensível as respostas do entrevistado. O entrevistador deve fazer as perguntas naturalmente estimulando que o entrevistado as respondam com sinceridade e se sentir confortável entrevistando. As perguntas devem ser exatas e deve ser simples (curta), deve ser exata para o que você quer perguntar e adequado nível de instrução do entrevistado, e a entrevista deve ser no menor tempo possível, ela dependerá da disponibilidade de tempo em ambos os lados (CRIPA, 1998).

Não obstante, o entrevistador deve ter certo de que quer perguntar, se é necessário anotar as perguntas antes da entrevista. O entrevistador deve estar preparado para realizar perguntas respostas com base improvisada. O entrevistador deve ter informações sobre a pessoa que o entrevistou. Um dos requisitos para uma entrevista é que o assunto da entrevista é acordado. Isso normalmente acontece porque você tem algum interesse em ser entrevistado. Os cinco principais motivos que podem ter são as seguintes (CAPUTO, 2006):

- Por ego: o desejo de aparecer na mídia ou que sua opinião será ouvida.
- Publicidade: políticos e pessoas famosas, que dependem de publicidade para influenciar a opinião pública ou continuar na mídia. As entrevistas é considerada como publicidade grátis.
- Dinheiro: apesar de muitos códigos de jornalistas de ética não devem pagar entrevistados é uma prática comum na mídia sensacionalista e sensacionalista.
- Para ajudar o jornalista: alguns indivíduos são deixados a entrevista simplesmente para ajudar o jornalista no exercício de seu trabalho.
- Por gratidão: o entrevistador faz o entrevistado para responder as perguntas sem qualquer resistência por um diálogo introdutório predefinido.

A entrevista como ferramenta de pesquisa tem sido usada por antropólogos, sociólogos, psicólogos, cientistas políticos e economistas. As entrevistas são provenientes das ciências sociais. Cientistas sociais as utilizam para obter informações sobre os fenômenos investigados e, assim, testar suas teorias e hipóteses (LAGE, 2001).

A *entrevista jornalística* é caracterizada principalmente por três fatores (FUSER, 1996):

- Um claro interesse na pessoa sendo entrevistada;
- Especialização em gestão da técnica de pergunta e resposta;
- Vontade de divulgação do resultado em uma mídia.

Mas, além de uma técnica, usada por profissionais para coletar informações, a entrevista é principalmente um gênero jornalístico. A entrevista é uma das técnicas mais comumente utilizadas (ABRIL, 2005).

A entrevista tem um número de variantes quase indeterminados e, em seguida, cita vários tipos de entrevista que aparecem nos meios de comunicação (CAPUTO, 2006):

- **Entrevista de Trabalho:** para aprender, o entrevistador, valoriza o candidato a um emprego, para descobrir se ela pode estar apto ou não para desempenhar a sua função.
- **Entrevista de Personalidade:** realizado com o objetivo de analisar um indivíduo psicologicamente e com base nesta e outras técnicas para determinar o tratamento apropriado.
- **Entrevista de Informações ou corrente:** está ligada aos acontecimentos do dia. É notícia, portanto, é elaborado sob a forma de notícias. Nunca intitula-se frases textuais.
- **Entrevista de Divulgação:** sobre assuntos especializados em avanços ou descobertas científicas, médicas, tecnológicas, etc ou temas de interesse atual ou permanente.
- **Entrevista de Depoimentos:** que fornecem dados, descrições e opiniões sobre um evento ou a ver acontecer.
- **Entrevista de Instruções:** dados, juízos ou opiniões recolhidas textualmente.
- **Entrevista de Pesquisas:** perguntas projetadas para obter informações sobre a opinião de um sector da população em um tópico, é usado para obter informações relevantes ou fornecer uma amostra do que pensam os representantes dos diferentes setores sociais, sobre um tema de interesse atual ou permanente.
- **Entrevista de Perfil:** é fechar para a biografia, baseia-se na combinação de documentário e testemunhos fontes com dados obtidos da parte demandada para torná-lo um retrato escrito. Revelam-se aspectos íntimos do entrevistado.
- **Entrevista de Opinião:** este tipo de entrevista é que deve preocupar os ideais, opiniões e comentários pessoais do entrevistado, neste pontos ideológicos do entrevistado devem ser destacados.
- **Entrevista de notícias:** aplica-se a um especialista em um tópico específico, geralmente usado para formular ou complementar uma história de notícia ou recurso, para que alguns pontos notáveis do assunto que está sendo falaram, normalmente complementado uma investigação vigorosa.
- **Questionário fixo:** em alguns meios de comunicação é usado regularmente com pessoas diferentes. Abrange diferentes registros, de humor com seriedade.
- **Pesquisa / inquérito:** não publicado em forma de entrevista. Usada para obter ou contrastar informações
- **Interpretativa:** também conhecido como criativo, caráter, etc. Ele está interessado no caráter de uma forma global. Interessados o valor estético do texto e interesse humano.

As entrevistas podem ocorrer em várias ocasiões (ABRIL, 2005):

- Seu objetivo: entrevista de opinião, entrevista ou entrevista de personalidade.
- Pelo canal: pessoal, telefone ou por questionário (enviado via correio postal, fax, etc.)
- Pelo número de respondentes: em si, coletiva ou pressione: dois ou mais entrevistadores.
- Por sua forma: entrevista formal ou estruturada (perguntas previamente estabelecidas) ou entrevista não estruturada (sem perguntas de desenvolvimento).
- Pela sua estrutura:

1Entrevista aberta: perguntas abertas, ou seja, gera uma série de perguntas que o entrevistado pode responder livremente. Ex.: *o que você acha que o desempenho de....*

2Semi aberta: Inclui perguntas abertas, mas alguns estão fechadas;

3 Entrevista informativa: usa informação de tipo obtida a partir de pessoas, famílias, escolas.

Em uma entrevista com câmera, geralmente ocorre em locais com um grande fluxo de pessoas. O jornalista entrevista passageiros e transeuntes. O resultado da entrevista consiste de duas partes: uma, a mesma notícia e o outro, onde ele pegou um conjunto de opiniões que são quase reduzido a "boa", "ruim" ou "indiferente". Esta fórmula é normalmente atraente para o público, porque algumas das opiniões das pessoas na rua são mostradas (LAGE, 2001).

No campo dos serviços de informação, a entrevista é um gênero de grande importância, com tantos formatos que se adequam as necessidades existentes e, normalmente, com alguns custos bastante baixos. A pesquisa de rua, conhecida no jargão profissional como *vox populi*, é um recurso que cada vez mais, têm menor presença nos telejornais. Mais é uma forma de complementar as informações que presume-se que ele terá um forte impacto social (CAPUTO, 2006).

Sobre as entrevistas ao vivo, em raras ocasiões o jornalista quer destacar um evento extraordinário, geralmente pede-se a um entrevistado para relatar uma história. É um formato incomum e que deve ser usado com cautela. Personagens de grande importância, decisões/informações devem ser explicados em poucos minutos. Neste tipo de entrevista é o jornalista/apresentador, que lida com comentário. Normalmente, o entrevistado pode imaginar quais serão as perguntas que girará a entrevista. Quão difícil é fazer que respostas não ocupam mais do que dois ou três minutos no total, é um tipo de entrevista que requer muita prática profissional (HUGH, 1981).

Uma entrevista é uma conversa entre duas ou mais pessoas onde perguntas são feitas pelo entrevistador para obter fatos ou declarações do entrevistado. As entrevistas são uma parte padrão do jornalismo e mídia de informação, mas também são empregados em muitas outras situações, incluindo a pesquisa qualitativa. No jornalismo, as entrevistas são um dos métodos mais importantes utilizados para coletar informações e apresentam pontos de vista para os leitores, ouvintes ou

telespectadores (LAGE, 2001).

A Entrevista pode ser um método de pesquisa qualitativa. Esta descreve os significados dos temas centrais no mundo da vida dos sujeitos. A principal tarefa na entrevista é entender o significado do que os entrevistados dizem. Entrevistar, quando considerada como um método para a realização de pesquisa qualitativa, é uma técnica usada para compreender as experiências de outros (ABRAMO, 1998).

Entre as características de entrevistas de pesquisa qualitativa estão (CAPUTO, 2006):

- Entrevistas são concluídas pelo entrevistador com base no que o entrevistado diz.
- As entrevistas são uma forma muito mais pessoal de pesquisa de questionários.
- Na entrevista pessoal, o entrevistador trabalha diretamente com o entrevistado.
- Ao contrário de pesquisas por correio, o entrevistador tem a oportunidade de investigar ou pedir acompanhamento perguntas.
- As entrevistas são geralmente mais fáceis para o entrevistado, especialmente se o que se busca são opiniões e / ou impressões.
- Entrevistas são mais demoradas e usam mais recursos.
- O entrevistador é considerado uma parte do instrumento de medição e entrevistador tem de ser bem treinados para responder a qualquer contingência.
- Entrevistas proporcionam uma oportunidade de interação face a face entre duas pessoas; portanto, reduz os conflitos.

Uma palavra ainda final, porém não conclusiva sobre a entrevista, importante recurso utilizado extensamente pelos cadernos culturais, segundo Piza (2009), é a sua visão sobre este instrumento um pouco exigente com aparente despreensão de precisão e rigor. Piza escreve tanto sobre as “dez dicas” do jornalismo cultural e depois sistematiza 5 pontos básicos para a estruturação de um caderno cultural no viés do jornalismo cultural que se queira melhor qualificado para além da questão de serviços ou abordagens superficiais:

Traduza sempre que possível o jargão do setor. Um título como Solos revitalizam investigação coreográfica (de uma crítica de dança da *Folha de São Paulo* em 2003) ou Fulano plastifica o vazio (de uma crítica de artes visuais de o *Estado de São Paulo* em 2001) afastam tanto o não-especialista como o especialista no assunto. Mostar familiaridade com o assunto é saber expô-lo de forma clara (p.87).

Procuramos neste exercício de leitura do caderno em questão tanto observar esta qualidade no texto da seção “Outros escritos” quanto até certo ponto depurar isto em nosso texto acadêmico e na entrevista mais adiante que vamos apresentar, realizada com a escritora Tatiana Levy.

2.5. A ANÁLISE DE DISCURSO

2.5.1. A visão de Foucault

Parte-se da observação de que o campo da análise de discurso foucaultiana está se tornando uma especialidade na área de pesquisa social qualitativa. Foucault introduz o conceito de análise do discurso baseado nas instâncias de conhecimento, poder e subjetividade. Para Foucault os objetos do discurso (formação, a loucura e a aprendizagem) existem sob um regime de existência, principalmente, desde os anos 60.

Hoje, a concepção teórica da obra de Michel Foucault é amplamente reconhecida como parte do corpo teórico das ciências sociais, como a sociologia, a história social, ciência política e psicologia social. E, além disso, noções foucaultianas também são fundamentais em áreas como estudos culturais, estudos de gênero e estudos pós-coloniais. Os conceitos e argumentos na teoria do discurso não se restringem à linguística ou à ciência do uso da língua; hoje, já faz parte das ciências sociais. Uma razão para esse *spread*, além do campo puramente linguístico, é que Foucault concebeu o discurso e a prática discursiva como estrutura social e, respectivamente prática. "Discurso" não é sinônimo de diálogo filosófico ou monólogo. O termo originalmente significava a estrutura gramatical da narrativa. Naquela época, o "discurso" foi concebido como o comando central do nível limitado. Durante muito tempo, as abordagens puramente linguísticas tem sido dominantes. Na análise sociolinguística e de conversação, o termo "discurso" refere-se a uma ordem de interação emergente em situações sociais, sendo, portanto, o conceito de uma estrutura puramente interativa (ANGERMÜLLER, 2001).

Nas diferentes tradições do estruturalismo francês e (conhecido como) pós-estruturalismo, o discurso é onipresente.

Na era da hegemonia do estruturalismo, o discurso passa a ser compreendido tendo como base as estruturas mais profundas da mente humana. Para Foucault o campo inteiro do conhecimento é delimitado, marcado, separadamente, com a existência de instâncias de delimitação. Outra ferramenta conceitual que Foucault nos oferece para analisar os objetos são especificação de grades. Quando fala-se em especificação em grades, Foucault repete um exemplo de psiquiatria como sistemas em que se separa, se opõe, se conecta, se reagrupa e se classifica as diferentes 'loucuras' dentro de objetos de discurso psiquiátrico.

No campo da formação a utilização desta ferramenta pode ser empregada para tentar separar, se opor, se entroncar, se reagrupar, se classificar, se derivar, a partir do qual este discurso é relevante, e onde os diferentes elementos que aparecem se articulam em um conceito formando objetos de discurso.

Outra ferramenta conceitual para analisar a formação de objetos são planos de diferenciação na formação de objetos. Foucault diz (1999) que "o discurso é mais do que um lugar onde são depositadas informações (p. 69)". Portanto, estes diferentes objetos estão relacionados de uma maneira estreita e particular.

O uso do conceito de “discurso” de Foucault é o primeiro a combinar um olhar estruturalista e uma interpretação axiológica em um conceito dualista. O termo é concebido por Foucault como uma realidade supra-individual; como um tipo de prática que pertence a grupos em vez de indivíduos; e é sempre localizado em diferentes áreas ou campos sociais. No entanto, como as últimas obras de Foucault (1986, 1987, 1994) e a obra de Judith Butler (1990, 1993) têm mostrado que os discursos têm um forte impacto sobre os indivíduos. Por este motivo, alguns pesquisadores da área acreditam que o conceito de discurso foucaultiano pertence mais a um meso ou macro-nível para nível micro (como análise de conversação ou etnometodologia), apesar da influência sobre os indivíduos situações de interação socializados e sociais. Todos eles se concentram sobre o assunto e sua constituição discursiva; permitindo, assim, a análise de discurso de Foucault.

Foucault desenvolveu seu conceito de discurso e prática discursiva em *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, 1970), que é apresentado como uma opção metodológica complementar. Ele apresenta no primeiro texto os princípios de sua teoria discursiva. Para ele, o objetivo de *Arqueologia do Saber* (1970) dedica-se à mera descrição de eventos discursivos, que tratam seu material em sua neutralidade original, servindo como um horizonte para unidades de investigação construídas dentro deles. E, nesse contexto, Foucault, em primeiro lugar, examina os conceitos de "tradição", "disciplina", "desenvolvimento" ou "autor" em que se localiza a ilusão de continuidade histórica. Onde são afirmadas representações de continuidade, Foucault introduz a categoria de descontinuidade graças aos conceitos de "limite", "série" e "transformação". Em segundo lugar, ele problematiza a categoria de significado. Foucault abandona a noção de soberania, enquanto o discurso é concebido como forma de auto-contêiner, que é inacessível a partir da consideração das intenções dos indivíduos envolvidos ignorando os objetos e os contextos de discurso.

Através desta operação reconstrutiva, Foucault (1970) estabeleceu a pesquisa arqueológica de campo, que é composta por todas as declarações eficazes - escrita ou falada - na sua dispersão e o vigor de cada (como "verdadeiro ato de fala"). O ponto de análise das demonstrações de Foucault de partida é, assim, a sua diversidade, e uma positividade que exige a ser investigado. A questão aqui é analisar a condição histórica da existência real de tais declarações. Foucault (1970) propõe começar a examinar a existência real de declarações positivas para depois incluir um grande número de declarações em um discurso na medida em que pertencem à mesma formação discursiva.

As análises das intervenções diferenciam quatro complexidades que são características para as regularidades em práticas discursivas e correspondem à existência da função de declaração identificada. Esses discursos são estruturados e constituídos a partir das regras de formação dos objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias. Em suma, podemos dizer que os processos de análise do discurso, referem-se ao objeto ou área de conhecimento onde o discurso é produzido. Em segundo lugar, a lógica onde o discurso é construído; terceiro, onde os objetivos estratégicos estão sendo perseguidos no discurso.

Apesar do exposto acima, na *arqueologia do saber*, Foucault mostra um trabalho teórico, em que o discurso é apresentado como um sistema de declarações ("enunciados"). Esta é a característica de um "sistema ordenado", que é constituído a partir de declarações e não graças a intencionalidade de indivíduos localizados em determinadas situações. Tais declarações são produzidas (diacronicamente) em um fluido que passa discursivamente onde a instrução anterior cria o contexto (virtual) de pré-representação da declaração. demonstrações em curso deve respeitar o conjunto de regras que é inerente no contexto das declarações anteriores. Se eles não conseguem fazer isso não terá impacto; Eles não são aceitos, nem mesmo reconhecido em uma área ou campo social como "atos verdadeiros".

Identificar e analisar os discursos equivale a identificação e análise de sistemas de enunciados como portadores de suas *regras de formação*, por exemplo, regras que tornam possíveis as declarações e, simultaneamente, também residem no (sistema anterior) de declarações. Nenhuma declaração externas em si mesmo, deve ser entendida como o resultado de um processo sócio-histórico em que o discurso surge como um campo de conhecimento e um conjunto de regras. Estes são declarados como "responsável" para os modos de utilização organizada - por exemplo, sistemática e pré-estruturada de "conceitos" "objetos" de referência, estratégias de pensamento e formatos em maneiras de falar. Assim, pode-se conceituar estes modos de produzir declarações como práticas discursivas.

Estas práticas discursivas são produtivas: elas produzem a semântica específica de palavras em uso, palavras relacionadas com objetos e estratégias de agir e pensar sobre as coisas, pessoas, etc. Assim, a ontologia, a categorização e a avaliação estão integradas, e aparecem como "naturais" na oposição e na construção de práticas discursivas. Nesse sentido, o discurso produz uma percepção e representação da realidade social. Essa representação é parte das estratégias hegemônicas no estabelecimento de interpretações dominantes da "realidade".

Este aspecto do discurso, através da produção de conhecimento, tem sido explorado na defesa de ideias de apropriação do mundo através do conhecimento. As tendências deste em que nos envolvemos em nossa tentativa de descrever e compreender o mundo são produzidos em complexas relações de poder em que diferentes atores e instituições que trabalham para estabelecer uma interpretação dominante da "realidade". Conceituam o discurso como uma instância de hegemonia.

Os discursos são compreendidos, nesta abordagem, como instâncias de ideologia, que reforçaram a ideia de que a ideologia deve ser analisada além do paradigma marxista de "falso" e "verdadeira consciência". Em vez disso, o conceito de discurso de Foucault leva à questão da hegemonia e poder de expressão ao estabelecer uma representação dominante ou contra-hegemônica (GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, 1999).

O discurso não é apenas uma estrutura semântica, palavras individualizadas ou discursos políticos, na verdade o discurso é um material semântico, onde as experiências subjetivas e objetos de conhecimento são inscritos. As práticas discursivas estão entrelaçadas com as práticas não discursivas. Esta distinção nos

leva ao conceito de "dispositivo". Nele, formas e técnicas de práticas sociais institucionais são incorporadas em discursos e vice-versa.

O dispositivo é a interface constituída por relações de poder-saber que Foucault analisa em muitos dos seus estudos sócio-históricos, especialmente em seu trabalho sobre governamentalidade, que se tornou extremamente famoso nas últimas três décadas.

Os discursos dentro de seu desenvolvimento sócio-histórico podem ser compreendidos como a teoria de implantação de uma "lógica" existente caracterizado por descontinuidades e rupturas. A mais antiga noção de discurso enfatizava a existência de um sistema de regras inerentes às práticas discursivas e salientava a organização coerente do discurso. Mais tarde, Foucault (1973) "abriu" esta posição estrutural, uma vez que ele passou a considerar as inconsistências e contradições do discurso.

A noção de Foucault sobre discurso foi inicialmente desenvolvida na área da epistemologia histórica da ciência e aplicada, tendo por base a história social na França. Durante os anos sessenta pesquisadores do discurso começaram a refletir sobre a metodologia de análise do discurso. Esta primeira análise de tendências do discurso foucaultiana permaneceu confinada na área de língua francesa de pesquisa e teve uma pequena recepção internacional.

Os conceitos teóricos do trabalho de Foucault receberam uma ampla recepção internacional em várias ciências sociais. Aqui eles são adotados e combinados com outras tradições teóricas em sociologia e linguística. Ou seja, a partir de diferentes disciplinas investigadoras começaram a trabalhar com o conceito de discurso de Foucault como um conceito empírico. O ponto de partida para o desenvolvimento da análise do discurso, fora da França, tem sido um manifesto interdisciplinar heterogêneo.

Pode-se dizer que tem havido um interesse crescente nas posições e consequências metodológicas de considerações Foucault sobre como explorar discursos durante os últimos vinte anos; um bom exemplo é a análise empírica das estruturas discursivas e práticas discursivas. Alguns dos debates metodológicos têm-se centrado sobre a questão de haver ou não uma metodologia na obra de Foucault.

Alguns pesquisadores de discurso começaram a explorar estratégias metodológicas, recolher ferramentas para uma análise empírica da análise do discurso ou apresentar os resultados de suas experiências metodológicas como agendas para análise de discurso. Desde os anos noventa, diferentes grupos de pesquisa, usando noção de discurso de Foucault, começaram a tomar consciência da sua existência e relações mútuas, transformando o campo de análise de discurso foucaultiana em uma instância importante no campo internacional de pesquisa qualitativa.

2.5.2. Os gêneros do discurso e sua aplicabilidade no jornalismo

Segundo Bakhtin, na leitura de José Luiz Fiorim (2002), os gêneros do

discurso são utilizados em nossos enunciados, eles podem ser divididos em gêneros primários, que, usamos na nossa comunicação diária, elas são eminentemente orais, e os gêneros secundários, que, se relaciona com comunicação cultural, ela é geralmente realizada por escrito e é uma linguagem mais elaborada.

Ainda baseados neste filósofo, Michael Bakhtin, Fiorin (2002) ,comenta que os leitores de um determinado nível social que tem acesso à mídia impressa possuem um conjunto de crenças e valores culturais que influenciam como estes criarão uma atmosfera ideológica para apurarem aquilo que está sendo lido. Assim, é possível que diferentes leitores possuam e produzam discursos ideológicos opostos. Bakhtin (2002) chama atenção para o fato de que todo discurso vem impregnado de ideologias e de várias vozes num enunciado. O discurso é um exercício de compreensão e interpretação da realidade.

No âmago da sociedade os discursos são compostos por palavras que formam enunciados, a palavra nunca é neutra, ela sempre está impregnada de intencionalidade do enunciador que ao elaborar as suas ideias escolhe palavras específicas objetivando realizar uma ligação entre a circunstância falada e a realidade.

Há a produção de discursos até certo ponto estáveis e que passam a ser reconhecidos, e por vezes legitimados, em específicos contextos, como por exemplo, o artigo acadêmico, o ensaio, a coluna, entre outros. No entanto, com a cibercultura, a observação que Bakhtin fez em sua obra em meados do século passado, século XX, acerca da produção e da estética da criação verbal tem se realizado, pois encontramos na cibercultura inúmeros gêneros discursivos, quase que diariamente surgem novos gêneros, assim como alguns são abandonados e deixam de existir ou serem explorados. Neste sentido, o jornalismo cultural também vem se redimensionando e reambientando em relação a esta diversidade discursiva.

As ideologias que remetem às ideias de um periódico ou de um grupo de indivíduos contribuem para que ela sobreviva, também estão ligadas às ações políticas, econômicas e sociais, bem como os recursos que utilizam para cumprir seu propósito comunicativo.

Fiorin (2002), comentando Bakhtin, noticia que o filósofo toma o enunciado, conceito capital em sua obra, como noção que deve ser analisada isoladamente, mas o processo comunicativo traz à tona tipos diferenciados de enunciados, formando o que se chama de gênero de discurso. Esse gênero é fruto do ato comunicacional que promove os diálogos entre os indivíduos. No processo comunicativo não há apenas as trocas de palavras ou frases, o que ocorre é a troca de enunciados que se utilizam dos recursos da língua formal.

Para Bakhtin(2003), “as mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso.”(p.285). Isto dá a ver a questão da relativa estabilidade dos gêneros do discurso para este filósofo no ato comunicativo. Chega a indicar que “não há motivo para minimizar a heterogeneidade dos gêneros do discurso”, uma vez que o autor classifica os gêneros em primários e secundários, sendo os primeiros simples, pertencentes ao cotidiano, por exemplo; e os segundos como complexos, como os textos científicos, por

exemplo, respectivamente. Tal grau de complexidade é indicado de acordo com as circunstâncias de uma “comunicação cultural”, principalmente, envolvendo a escrita.

Para perceber a proposta de análise é melhor partir de algumas reflexões sobre interferências e limites das áreas do jornalismo e da publicidade. O advento das tecnologias agiu significativamente na modificação das formas de comunicação em diferentes setores da vida humana.

A partir da Revolução Industrial em meados do século XVIII, com a transição de uma sociedade feudal para uma sociedade capitalista, as máquinas eram usadas como instrumento para aprimorar a produção industrial. Nesse contexto, nasce a imprensa.

Sob o aspecto do discurso, os jornalismo têm a função de informar, de formar opinião; a fim de manter empregos e até mesmo sustentar o próprio veículo.

O jornalismo, para aumentar o poder de comunicabilidade, limitou seu código linguístico para facilitar a composição da mensagem, adotou o uso da 3ª pessoa, opção por uma linguagem clara, concisa e direta.

Estudos de Carvalho (2000) indicam que a linguagem publicitária utiliza recursos da linguagem cotidiana com o objetivo de informar ou de manipular. Tanto as linguagens publicitárias quanto jornalística objetivam sempre convencer o leitor.

Dentro do contexto do desenvolvimento da imprensa, ressalta-se que primeiro apareceram os tradicionais jornais diários (CASTRO, 1969).

Na sociedade atual, o jornalismo tornou-se uma das pedras angulares da vida pública. A Sociedade da informação atual é como se chama o período histórico em que vivemos, caracteriza-se, entre outras coisas, como a capacidade das redes de comunicação de aumentar o fluxo de notícias.

Uma das funções do jornalismo é satisfazer a necessidade de conhecimento na formação dos cidadãos dentro de numa sociedade democrática. O Jornalismo, longe de ser estranho à realidade, é parte da sociedade. Isso explica a crescente necessidade de informações fiáveis, do estabelecimento de um jornalismo saudável, de qualidade, capaz de levar o leitor o mais próximo da verdade.

Nessa seara, os meios de comunicação são responsáveis por fornecer informações sobre o comportamento e as ações de seus representantes públicos. Na linguagem jornalística, três fatores coexistem respectivamente, a tradição, a personalidade do escritor e as demandas ou expectativas do beneficiário. Acredita-se que o terceiro fator é o mais importante, pois todas as mensagens devem ser compreendida de forma rápida e eficaz.

Na elaboração notícias jornalísticas deve-se empregar um vocabulário acessível ao leitor médio reduzindo ao mínimo os termos técnicos, os neologismos e as palavras estrangeiras. A compreensão dos sistemas comunicativos em sociedade ajuda no entendimento de muitos aspectos da produção dos textos jornalísticos. Os jornalistas, na produção da notícia, utilizam sempre algum tipo de conhecimento prévio do mundo. Com o passar dos anos a teoria das representações mentais tem seguido a mesma corrente, mostrando que o discurso deriva de um conhecimento generalizado, o que cria um elo entre o conhecimento e o discurso.

Dessa forma, os modelos mentais pré-estabelecidos ajudam na abstração e

generalização a partir de modelos específicos. Muitas vezes, usamos modelos mentais para construirmos um conhecimento geral, mesmo na Linguística e na Análise de discurso o processamento do texto se baseia nesse paradigma de conhecimento compartilhado.

Assim, compreende-se que o *conhecimento pessoal* expresso em um discurso na verdade nunca é pressuposto e deve ser expresso em asserções, já o *conhecimento social/grupal* constrói as suas bases no discurso interno de um determinado grupo, enquanto que o *conhecimento cultural* é todo aquele que advém de diferentes formas do discurso público.

Dessa forma, observa-se que muito do que é produzido na formação de notícias tem como base o conhecimento geral e cultural. Todos os níveis de produção e compreensão da notícia são embasados em um processo dinâmico e complexo que contam com diversos conhecimentos dos sujeitos.

Sobre o discurso jornalístico, Gomes (1991) ressalta que ele possui em seus textos, falas, locuções uma reafirmação do mundo. O discurso visa dar uma legitimidade social ao texto jornalístico, pois ele promove a existência de um engajamento social, levando à reflexões e propagando vocações e valores. Assim, o discurso jornalístico possui uma legitimidade própria que se emabasa nos valores que são reconhecidos no âmago da sociedade. A partir daqui, apresentaremos alguns jornais que compuseram o cenário de visibilidade dos cadernos culturais.

2.6. O JORNAL VALOR

O Valor Econômico é o maior jornal de temática econômica com viés financeiro do Brasil, de acordo com o Instituto de Verificação de Circulação (IVC). É o resultado de uma parceria entre dois dos maiores grupos de mídia do país: Grupo Globo e Grupo Folha e teve sua primeira edição lançada em 2 de maio de 2000.

Às sextas-feiras, sai impresso nas bancas com reportagens sobre artes, cultura, economia, política, ciências e relações internacionais – sempre de forma crítica, reflexiva e abrangente, no entanto, também aderiu ao ambiente virtual com a forma digital. Este caderno cultural, *Eu&fim de semana*, em média de 36 páginas por exemplar, apresenta as seções: Alta definição; Avant-première; Reportagem de capa; GPS; Empresa; À mesa com o Valor; Vinho; Entrevista; Janela crítica; Literatura; Perfil; Música; Livro; Série; É tudo verdade; “Outros escritos”. Mas há algumas variações entre seções como Filme; Diário de correspondente; Cinema; Artigo; Arquitetura; ResPublica; Turismo; Internacional. Enfim, seções de interesses e abordagens variadas, transitando entre o particular e o geral, indicando tendências de comportamentos, por exemplo. Além disso, tal variação possibilita tratar de questões que estejam na ordem dos dias, aprofundadas por especialistas nos temas ou nas áreas de conhecimento selecionadas.

Nos cadernos que dão nome ao jornal, todas as seções e colunas são voltadas para as questões da área econômica com tratamento financeiro, o que também é uma característica dos tempos em que vivemos, orientados para mercados e o

neoliberalismo. Isto direciona o público leitor, assim como, indica uma série de comportamentos que caracterizam tais leitores, como por exemplo, a bebida que recebe destaque numa seção específica, refiro-me à seção Vinho. Estas breves observações críticas advêm do fato de sabermos que esta bebida só recentemente ganhou o mercado de consumidores brasileiros, tanto do ponto de vista da valorização do produto brasileiro, como do ponto de vista do consumidor propriamente.

Em se tratando de um periódico de análises, o fato de não ser editado nos finais de semana, não é lido por quem deseja saber do que se passa de imediato com a informação produzida quase hora a hora. É neste sentido, que as seções do caderno cultural têm outra penetração no âmbito cultural, porque se tornam, por vezes, referências de consultas a *posteriori* sobre algum evento ou produto cultural.

No âmbito digital, somente aos assinantes é permitido o acesso pleno ao periódico e suas atualizações, por exemplo, por colunistas, o que mantém o jornal ainda com circulação restrita, além do preço de capa que é alto, R\$5,00 no RJ, cada exemplar.

A seção, objeto de nossa atenção, *Eu&fim de semana*, é também caracterizada por essa abordagem analítica para cada assunto ou tema, além de adensar-se do caráter reflexivo para as colunas que o constituem. Pode-se dizer que há uma aproximação do tom ensaístico e menos cronista dos textos que encontramos no caderno cultural.

Depois de uma revisão bibliográfica que a formação em jornalismo cultural exigiu, ao longo do curso de especialização, ficou evidente à referência, por semelhança, na construção da caracterização desse caderno com o *Fim de semana (Leitura de fim de semana)* da Gazeta Mercantil, em que Piza foi trabalhar e assumir a coordenação em 1995, com a incumbência - inclusive- de montar sua equipe, sem muitas condições favoráveis a princípio.

Sobre o caderno da “Gazeta”, inspirado no *Weekend do Financial Times*, porém para suplantá-lo na importância dos assuntos culturais, sob a direção do jornalista Antonio Pimenta, comenta o jornalista:

Como a *Gazeta* não publicava fotos, não possuía banco de imagens nem fotógrafos. O *Fim de semana* teve de criar uma linguagem visual que não destoasse da sobriedade do jornal. Abusávamos das reproduções de livros e ilustrações, e eu era obrigado a desenhar todas as páginas sem exceção. (2009:94)

Em maio de 2000 surge o concorrente, o caderno cultural do jornal “Valor Econômico”² e que chega com certo sucesso, conforme o jornalista observa, exigindo uma reformulação do caderno da *Gazeta*. Quanto aos leitores do caderno da *Gazeta*, Piza informa que trata-se de médicos, professores, economistas, escritores, tanto gente que era afeita à leitura do campo econômico, como gente que não lhe era

² Ver anexos I e II que historicizam e descrevem parte do processo de fundação e construção do jornal “Valor econômico” e de sua equipe em diferentes momentos.

próxima,mas o sucesso desse tipo e formato de caderno cultural acaba por ser a tal “porta de entrada” para a adesão à leitura do periódico voltado para a economia. No meio dessa demanda, ”o caderno só saiu ganhando com o aprimoramento visual e a fixação das seções de gastronomia, viagem, design e esportes.”(p.100)

Ainda entre os pontos de semelhanças que podemos observar no caderno do “Valor”,*Eu&Fim de semana*,há o aspecto fundamental que destacamos porque mais adiante será retomado a partir da entrevista da colunista e escritora Tatiana Levy.Entretanto, neste momento,trata-se de uma observação de fina percepção de Piza sobre o caderno da *Gazeta*,porém que é perfeitamente reconhecida e verificável no caderno do “Valor” :

O ponto focal do suplemento era ser de leitura,era convidar o leitor a investir tempo na leitura atenta e recompensadora de suas matérias,às vezes mais longas que uma página.Accreditamos no prazer do texto e fomos reconhecidos por isso.(2009:111)

De imediato, faz-se a associação com o texto do semiólogo, escritor e jornalista francês,Roland Barthes,na obra diminuta ,porém exemplar para a formação de leitores especializados, professores, tradutores, escritores e interessados na leitura qualificada da área de Letras e comunicação, com viés formativo,que é “O prazer do Texto”.Piza explicita a todo momento sua proximidade e intimidade com a literatura em toda a sua obra,não só neste volume que tomamos por referência,mas no pouco tempo de vida ,intensamente produtiva,o jornalista sempre deu à literatura o lugar de rainha da formação de um pensamento crítico e organizado(por exemplo, utilizando a intertextualidade - enquanto recurso linguístico e semântico com as gradações possíveis), ampliado o suficiente pela ficção, sendo capaz de também abrir os olhos e os sentidos em geral dos leitores.

No que tange o caderno cultural do “Valor”,é possível evidenciar o mesmo princípio nas generosas duas páginas a que tem direito cada colunista,Eliana Cardoso e Tatiana Salen Levy,que compartilham alternadamente a seção “Outros escritos”.

Podemos até dizer que o humor, a provocação consistente e a contemporaneidade dos temas escolhidos sem abdicar do tratamento histórico, quando adequado,realiza neste jornalismo cultural que praticam a característica que Ítalo Calvino em “Seis propostas para o próximo milênio”(1999)o escritor italiano comenta,a leveza.A coluna da seção traz esse quê de leveza,porém,sem cair na fácil frivolidade,reafirmado o caráter formativo e reflexivo da coluna,o que em última instância é o que Piza sugere ao longo do seu “Jornalismo Cultural”.

2.6.1. Grupo Globo

O lançamento do Jornal O GLOBO em 29 de julho de 1925 foi em um antigo edifício no Largo da Carioca, em um quarto fornecido pela Escola de Artes e Ofícios. Mas em menos de um mês, seu fundador morreu de um ataque cardíaco. Com o

acontecido, o Jornal passa a ser conduzido pelo jornalista Eurycles de Mattos, que também morreu seis anos depois. Em 1931, aos 26 anos, Roberto Marinho assume a gestão (MATTOS, 2005).

Nos últimos 90 anos, O GLOBO passou por muitas mudanças. Atualmente, o seu projeto no papel é mais leve e ágil e hoje ele também dispõe de um site que ano passado registrou mais de um bilhão de visitas. Hoje, O GLOBO é móvel e portátil e cabe na palma de seus leitores. Mas embora tenha sofrido alterações, a GLOBO mantém-se em uma linha editorial, atentando ao compromisso com a presteza e a informação adequada, rigorosa e testada. Segundo Mattos (2005) ele também mantém tem mantido intacto o seu respeito pelos princípios éticos e a pluralidade de opiniões. Ele não perdeu a sua densidade e todos os dias reafirma a sua convicção de que um jornal é mais informação, mais análise e debate. Nessas áreas, O GLOBO, é o mesmo jornal idealizado e construído por Roberto Marinho. Um jornal que respeita seus leitores e que ama o estado do Rio de Janeiro e o Brasil.

Segundo Lustosa (2000), O GLOBO foi o primeiro jornal a usar a cor diariamente na primeira página e a publicar uma charge na capa. Ele foi o primeiro a utilizar a telefotografia da imprensa brasileira, mostrando o nadador Piedade Coutinho disputando os Jogos Olímpicos de Berlim, também a primeira telefotografia colorido produzido no Brasil veio em GLOBO (1979).

Se a trajetória de um jornal reflete a história de um país, a história de O GLOBO, desde o início, que se confunde com a do Rio de Janeiro, em uma relação de confiança, empenho e carinho. Em 1933, após o primeiro desfile da escola de samba, O GLOBO promoveu a passagem de 35 Escolas pela Praça Onze. Na década de 60, "Rio sempre Rio" foi o tema de enredo que elevou a estima dos cariocas, afetados pela transferência da capital para Brasília. Por sugestão de O GLOBO, a música "Cidade Maravilhosa" se tornou o hino oficial do Rio de Janeiro.

As causas são renovadas, mas o compromisso para o Rio de Janeiro permanece. Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Sustentabilidade (Rio + 20), o jornal O GLOBO, em defesa do desenvolvimento sustentável foi além da cobertura de eventos: discussões e seminários realizados, publicado suplementos especiais publicou um website Inglês, promoveu uma coletiva nas praias e criando uma obra de arte, Vik Muniz, com a participação do público em uma tenda instalada no Aterro do Flamengo.

Não é de hoje que O GLOBO desenvolve ações em espaços abertos. Desde 1972, o Projeto Aquarius traz música clássica para milhões de pessoas, de forma gratuita, em mais de 300 apresentações em diferentes cidades. Em comemoração ao seu 40º aniversário, o presente era duplo: Praia de Copacabana em 80 mil pessoas, e apresentação inédita no complexo do Alemão, cujo público de quatro mil pessoas em pé aplaudiu o show. Apresentações ao ar livre também cativou o bonequinho, um personagem criado em 1938 refletindo crítica de cinema e até agora é uma marca registrada de O GLOBO. Desde 1996, a exposição "O bonequinho Viu" tem promovido por dez anos a exibição de filmes nacionais e internacionais sobre as areias da Praia de Copacabana, que já atraiu mais de 300 mil pessoas (MATTOS, 2005).

Mas há programas para todos os gostos, exemplo é o Rio Gastronomia, o evento gastronômico mais importante do país no qual 450 restaurantes, cujas aulas de circuito, degustações, atividades e posições se reuniram no ano passado para crianças, mais de 40 participantes mil pessoas. Com a Casa do Saber O GLOBO fechou uma aliança em 2013, onde começou a promover debates sobre temas de interesse para a sociedade, eventos e exposições culturais, um programa que inclui convidados, jornalistas e colunistas de jornais. A ligação com a cidade de Rio de Janeiro e do país é refletido pelo Prêmio Diferença Faz, que homenageia a 12 anos, os brasileiros que contribuem com seu talento para mudar o país.

Em meio às grandes mudanças que o jornalismo e a sociedade passa, a essência não mudou: a importância da informação jornalística, com credibilidade e imparcialidade é uma constante. De acordo com Melo (2003) em 59 edições da Esso, O Globo ganhou 64 prêmios, além de inúmeros prêmios internacionais. Para citar apenas algumas reportagens que marcaram o período mais recente da história do país: "Guerrilha do Araguaia" (1996), essa série provou que militantes do PCdoB tinha sido mortos sob a custódia do exército e enterrados em cemitérios clandestinos; a publicação do relatório de peritos sobre a morte do guerrilheiro Carlos Lamarca (96) teve um grande impacto na sociedade; "Na mira de os EUA" (2013) revela que na última década as pessoas e empresas no Brasil foram alvo de espionagem da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos); E " Refinaria Abreu e Lima" (2014), sobre o custo extra de uma obra da Petrobras em Pernambuco. Esses são apenas alguns exemplos de reportagens que foram premiadas e que tiveram grande relevância social.

Pontos de destaque da historicidade do periódico (SODRÉ, 1999; MATTOS, 2005):

1925- Em 29 de julho deste ano houve a primeira publicação do jornal. Esse nome é escolhido através de um concurso lançado por Irineu Marinho. A sua redação é instalada na rua Bittencourt da Silva, no Largo da Carioca. A primeira edição contou com duas edições e 33 mil cópias foram vendidas. Roberto Marinho aprendeu a profissão jornalística com seu pai.

1937- Roberto Marinho lança O Globo Juvenil. Esta publicação é a primeira revista em quadrinhos da marca Globo.

1938- Roberto Marinho lança O Globo Sportivo, uma revista semanal publicada em parceria com o jornalista Mario Filho.

1939- Um Gibi é lançado. O título, que significa "criança" torna-se sinônimo para esse tipo de publicação.

1944- É lançado o caderno O Globo Expedicionário dedicado à cultura. Dirigido por Henrique Pongetti, a revista tem entre seus colaboradores Cecília Meireles e Manuel Bandeira. As primeiras edições traziam temas sobre soldados brasileiros na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

1954- Roberto Marinho escreve o editorial de despedida, dando adeus à elaboração de O Globo localizado no Largo da Carioca. A sua nova redação vai para a rua Irineu Marinho 35.

1958- Roberto Marinho inaugurou na cidade de Belo Horizonte a primeira filial

do jornal O GLOBO.

1961- A edição nacional do jornal O Globo, com distribuição de ar é lançado para todo o Brasil.

1998- Em 5 de abril, é lançado o JORNAL EXTRA, um jornal carioca acessível, de linguagem simples.

1999- É inaugurada na cidade de Duque de Caxias (Rio de Janeiro), um complexo para impressão dos Jornais GLOBO e EXTRA.

2.6.2. Grupo Folha

O Grupo Folha é um dos conglomerados de mídia líderes no Brasil. Controla o maior e mais influente jornal do Brasil (Folha de São Paulo), a maior empresa brasileira de conteúdo da Internet e serviços (UOL), site do jornal de notícias com mais seguidores (Folha.com), bem como outras empresas (SCHWANKE, 1994).

A história do Grupo Folha começou em 1921, a data em que foi fundada, em São Paulo, o jornal "Folha da Noite" para a classe média urbana que emerge de uma sociedade que ainda se baseava na monocultura do café. Mais tarde veio títulos como "Folha da Manhã" (1925) e "Folha da Tarde" (1949). Os três jornais foram fundidos em 1960 para dar lugar à Folha de São Paulo (WAINBERG, 1996).

A Folha foi fundada em 19 de Fevereiro de 1921, por um grupo de jornalistas liderados por Olival Costa e Pedro Cunha, sob o nome *Folha da Noite*. Era um jornal noturno, com um projeto que privilegiava artigos mais curtos e mais claros, com foco mais na notícia do que na opinião, e um posicionamento mais próximo dos temas que afetavam a vida cotidiana dos paulistanos, particularmente das classes trabalhadoras. O jornal estava competindo contra O Estado de São Paulo, o principal jornal da cidade, o que representava interesses dos endinheirados rurais e assumiu uma postura conservadora, tradicional e rígida; a Folha sempre foi mais sensível às necessidades da sociedade (SOUZA, 2000, p.99).

Com o florescimento dos negócios, e os sócios controladores decidiram comprar um edifício para servir como sede, uma prensa de impressão e, em seguida, em 1925, criaram um segundo jornal, chamado Folha da Manhã. Também em 1925, de acordo com Nascimento (2001) a *Folha da Manhã* lançou Juca Pato, um personagem de desenho elaborado por Benedito Carneiro Bastos Barreto (1896-1947), mais conhecido como Belmonte. Juca Pato serviu como um veículo para a crítica irônica de problemas políticos e econômicos, sempre repetindo o slogan "poderia ter sido pior".

Os dois jornais da *Folha* criticavam principalmente os partidos Republicanos que monopolizavam o poder naquela época. Os jornais fizeram campanhas pela melhoria social. A empresa estava envolvida na fundação do Partido Democrata, um grupo de oposição. No entanto, em 1929, Olival Costa, até então único proprietário da *Folha*, quebrou as suas ligações com grupos de oposição ligados a Getúlio Vargas e sua Aliança Liberal.

Em outubro de 1930, quando Vargas liderou uma revolução vitoriosa, os jornais que se opunham a ele foram atacados por apoiantes da Aliança Liberal. Instalações da Folha foram destruídas e Costa vendeu a empresa para Octaviano Alves de Lima, um homem de negócios cuja principal atividade era a cafeicultura e o comércio (NASCIMENTO, 2001).

Lima, quando assumiu os jornais em 1931, passou a defender os "interesses agrícolas", ou seja, proprietários rurais. Mas eventos importantes em outros lugares se tornaram o foco para organizações de notícias como a Revolução de 1932, quando São Paulo tentou recuperar o poder perdido para Vargas; a II Guerra Mundial (1939-1945), e o Estado Novo (o período ditatorial Vargas que se estendeu 1937-1945) (MOTTA, 1992).

De acordo com Baptista (2000), Alves de Lima não tinha experiência em notícias, e assim ele deu a direção da empresa para Guilherme de Almeida que escolheu Rubens do Amaral como chefe de redação; Amaral liderava uma sala de notícias composta por jornalistas hostis a Vargas. Hermínio Saccheta, que foi um preso político sob o Estado Novo, tornou-se um editor de notícias executivo assim que ele deixou a prisão.

A administração ditatorial exerceu grande pressão política sobre os órgãos de notícias, e em São Paulo teve como principal alvo o jornal O Estado de São Paulo, que foi um dos principais apoiantes da revolução 1932. O diretor do jornal, Júlio de Mesquita Filho, foi preso três vezes e forçado a se exilar, e o Estado estava sob intervenção do poder estatal de 1940 a 1945. Com o seu principal rival amordaçado, a *Folha da Manhã* assumiu um papel de liderança em expressar oposição a Ditadura de Vargas (BAPTISTA, 2000, p.88).

Essa atitude crítica é uma das razões para explicar uma mudança de posse em 1945. Segundo João Baptista Ramos, irmão de João Nabantino Ramos - um dos novos sócios controladores da empresa, com Clóvis Queiroga e Alcides Ribeiro Meirelles, a compra da Folha foi uma manobra que Getúlio Vargas projetou para se livrar do ponto de vista oposicionista de Rubens do Amaral, um inimigo do "getulismo" (AGUIAR, 1993).

Nabantino Ramos, que era um advogado, e estava muito interessado em técnicas de gestão modernas, durante os anos 1940 e 1950 adotou várias inovações, como: Concursos para novas contratações, cursos de jornalismo, prêmios de desempenho, etc. Ele escreveu um manual de redação e Políticas editoriais. Em 1949, Ramos lançou um terceiro jornal, *Folha da Tarde*, patrocinando dezenas de campanhas cívicas contra a corrupção e o crime organizado, defendendo as fontes de água, as melhorias de infraestrutura, obras na cidade, e muito mais (NASCIMENTO, 2001)

Mesmo organizado como executivo, Ramos carecia de perspicácia empresarial e não era flexível o suficiente para negociar linhas de crédito e orçamentos de equilíbrio. No início dos anos 60, a empresa estava sofrendo devido a um aumento nos preços do papel de impressão. Os três jornais foram fundidos num novo título, a *Folha de São Paulo*, em 1960, com três edições diárias. No

entanto, com um agravamento da situação financeira, apenas a edição da manhã sobreviveu. As coisas se deterioraram ainda mais em 1961, depois que funcionários do jornal organizaram uma greve que obrigou a empresa a pagar salários mais altos e conceder-lhes benefícios adicionais. Isso significava custos adicionais para o jornal. Em 13 de agosto de 1962, a empresa foi vendida para empresário Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho (AGUIAR, 1993).

Frias e Caldeira, de acordo com Souza (2000) procuraram equilibrar a situação financeira do jornal. Frias escolheu o cientista José Reis, um dos principais nomes na Associação Brasileira para o Progresso da Ciência, como chefe de redação, e também contratou Cláudio Abramo, que posteriormente assumiria o lugar de Reis e formaria uma parceria de trabalho produtiva com Frias, que se estendeu por mais de 20 anos. Em 1964, a Folha de São Paulo apoiou o golpe que derrubou o presidente João Goulart, e sua substituição por uma junta militar. Depois que as dificuldades financeiras e empresariais foram deixadas para trás, a nova gerência começou a se concentrar na modernização industrial e na criação de uma rede de distribuição que facilitaria os saltos de circulação que se seguiriam. A empresa comprou novas máquinas de impressão e equipamentos nos Estados Unidos. Em 1968, a Folha se tornou o primeiro jornal latino-americano a adotar o sistema de impressão offset. Em 1971, ele foi pioneiro de uma nova inovação: a tipografia de chumbo foi substituído por uma composição fria. A circulação do jornal foi melhorando e sua participação no mercado publicitário foi crescendo.

No final de 1960, Frias mesmo formou o núcleo de uma rede de TV nacional, adicionando a TV Excelsior, que levou em audiência em São Paulo e ele adquiriu em 1967, outras três estações no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. No entanto, Caldeira não gostou do negócio de TV e os sócios venderam suas empresas de TV em 1969 (MOTTA, 1992).

O início dos anos 70 foi um período turbulento para a Folha. Acusado por grupos guerrilheiros de emprestar veículos ao regime aparelho repressivos militar, a Folha se tornou um alvo para a ação de guerrilha. Grupos de guerrilha interceptaram e queimaram três vans de entrega da Folha, dois em setembro e um em outubro de 1971, e fizeram ameaças de morte contra o proprietário do jornal (SOUZA, 2000).

De acordo com Nascimento (2001), Octavio Frias de Oliveira respondeu com um editorial de primeira página intitulado "Banditry", e afirmou que não aceitaria as agressões ou ameaças. O editorial foi também uma resposta ao rival "O Estado", por sua defesa de um regime de prisão especial para prisioneiros políticos. O editorial afirma: "É bem sabido que esses criminosos, que o jornal [Estado] qualifica erroneamente como prisioneiros políticos, são apenas ladrões de bancos, sequestradores, ladrões, incendiários e assassinos, agindo às vezes com perversidade mais exuberante do que aqueles outros, humildemente comuns, que a mídia em questão acha merecedora de toda promiscuidade".

O episódio também causou uma crise interna. "Uma semana depois, o jornal suspendeu seus editoriais. Mais tarde, naquele mesmo ano, Cláudio Abramo perdeu sua posição como chefe de redação, e a Folha só iriam reclamar de volta uma postura mais declaradamente política, em vez da neutralidade" acrítica adotada

quando editoriais foram suspensas, no final de 1973 (MOTTA, 1992).

Mais inovadora que sua concorrente, a Folha começou a ganhar espaço nas classes médias que cresciam sob o "milagre econômico" brasileiro, tornando-se o jornal preferido para jovens e mulheres. Ao mesmo tempo, colocou esforços em áreas de notícias que não estavam bem cobertas no Brasil até aquela época, como notícias de negócios, esportes, educação e serviços. A Folha apoiou o conceito de uma abertura política e abriu as suas páginas para todas as tendências de opinião, e suas coberturas de notícias adotaram uma postura mais crítica (BAPTISTA, 2000).

Frias defendia uma visão apartidária, política, editorial e pluralista, capaz de oferecer a mais ampla gama de pontos de vista sobre qualquer assunto, "e ele encontrou um colaborador qualificado em Cláudio Abramo, diretor editorial do jornal 1965-1973, seguido por Ruy Lopes (1972-1973) e Boris Casoy (1974-1976)" (SOUZA, 2000, p.99).

Abramo assumiu mais uma vez em 1976/77, mas, em seguida, uma crise causada por uma tentativa de golpe militar contra o presidente Ernesto Geisel levou Frias trazer de volta Casoy. Abramo reformulou o jornal e liderou a primeira das muitas reformas gráficas que se seguiriam, em 1976; ele contratou colunistas como Janio de Freitas, Paulo Francis, Tarso de Castro, Glauber Rocha, Flavio Rangel, Alberto Dines, Mino Carta, Osvaldo Peralva, Luiz Alberto Bahia e Fernando Henrique Cardoso.

Folha se tornou um dos principais fóruns de Público no Brasil. Contrariamente a algumas expectativas, esta postura editorial foi preservada e desenvolvida por Casoy durante seu mandato (1977-1984). Em 1983/1984, a Folha foi o principal reduto para o movimento Direto Já, uma tentativa de mudar o sistema de votação adotado para a seleção presidencial, a partir de uma votação do Congresso para direcionar voto popular (NASCIMENTO, 2001).

Em 1984, Otavio Frias Filho tornou-se o diretor editorial, sistematizando e desenvolvendo experiências do jornal durante a abertura política e Direto Já.

De acordo com Aguiar (1993) uma série de documentos circulou periodicamente, definindo o projeto editorial do jornal como parte do chamado Projeto Folha, implementado na redação sob a supervisão de Carlos Eduardo Lins da Silva e Caio Túlio Costa. As diretrizes para o Projeto Folha exigem cobertura de notícias críticas, não partidárias e pluralistas. Esses princípios também devem orientar o *manual de redação*, lançado pela primeira vez em 1984 e atualizado várias vezes mais tarde. Mais do que um guia de estilo, serve como um guia para as regras e compromissos em que a Folha trabalha. Foi a primeira publicação do gênero a ser disponibilizada ao público em geral.

As diretrizes estipulam que o jornalismo da Folha deve ser descritivo e preciso, mas que os temas que causem controvérsia podem admitir a mais de um ponto de vista e exigem um tratamento pluralista. Segundo Souza (2000) a Folha também se tornou conhecida por sua seleção altamente diversificada de colunistas. Ao mesmo tempo, os controles e contrapesos foram instituídos através de controles internos: o Manual, a seção "Correções" diária adotada em 1991, possuía uma regra que dizia que as objeções a qualquer artigo expresso por leitores ou para pessoas

mencionadas nas notícias deveriam ser publicadas. Esta posição implica a segurança do emprego para o seu titular, cujo objetivo é criticar a Folha e lidar com as queixas dos leitores e pessoas mencionadas nas notícias.

A partir do regime militar brasileiro, a Folha manteve uma postura crítica em relação a várias administrações sucessivas. Embora a Folha expressasse seu apoio à liberalização dos pontos de vista econômico de Collor, foi a primeira publicação a apelar para o seu impeachment, que finalmente chegou em 1992. A cobertura do jornal sobre as administrações de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva conduziram a acusações de viés antigovernamental em ambos os casos, embora os dois presidentes pertençam a partidos rivais.

Começando com a exposição de uma fraude maciça na ferrovia Norte-Sul (1985), e através do escândalo (2005), a Folha manteve-se revelando abusos e fatos de desgoverno.

Em 1986, a Folha tornou-se o jornal com maior circulação entre os grandes diários brasileiros, e ainda hoje lidera. Em 1995, um ano depois de atingir o marco de um milhão de exemplares para sua edição de domingo, a empresa colocou em operação seu novo centro de impressão, considerado o mais tecnologicamente avançado da América Latina. O registro de vendas e vendas da companhia foi estabelecido em 1994, com o lançamento do "Atlas Folha / The New York Times" (1.117.802 cópias para a edição de domingo) (NASCIMENTO, 2001).

Atualmente, a Folha ampliou sua gama de atividades de comunicação, com jornais, bancos de dados, um instituto de pesquisas, uma agência de notícias, um serviço de notícias e entretenimento em tempo real, uma gráfica para revistas e uma empresa de entrega.

Em 1991, todas as ações da Empresa Folha da Manhã, em seguida, pertencente a Carlos Caldeira Filho foram transferidos para Octavio Frias de Oliveira. Os editores executivos da Folha desde 1984 têm sido os jornalistas Matinas Suzuki (1991-1997), Eleonora de Lucena (2001-2010) e Sérgio Dávila (a partir de março de 2010).

Pontos de destaque na história do periódico (NASCIMENTO, 2001; SOUZA, 2000):

1921: Em 19 de Fevereiro, Olival Costa e Pedro Cunha fundaram o jornal Folha da Noite. Em julho 1925 é criada a Folha da Manhã edição da manhã do Folha da Noite. A Folha da Tarde foi fundada 24 anos depois.

1960: Em 1 de Janeiro, os três títulos da empresa (Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite) são fundidas e é constituída a Folha de São Paulo.

1962: Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumem o controle da empresa Folha da Manhã.

1967: O jornal é um pioneiro na impressão a cores offset, usado em grandes tiragens para a primeira vez no Brasil. Em 1971, a Folha abandonou os tipos de composição de chumbo e torna-se o primeiro jornal usando o sistema de tipografia eletrônica.

1976: Tendências / Debates, marcada pelo princípio da pluralidade é criado. A publicação de artigos de todos os matizes ideológicos irá desempenhar um papel importante no processo de redemocratização do Brasil.

1981: A circulação de documento interno surge como a primeira sistematização de um projeto editorial. O texto estabelece três metas: informação correta, de interpretação competente e pluralidade de opiniões.

1983: Folha se tornou a primeira redação informatizada da América do Sul com a instalação de terminais de computador. O jornal economizou 40 minutos no processo de produção.

1984: O primeiro Projeto Editorial, que defende a crítica, pluralista, - o jornalismo partidário e moderno é publicado. No início deste ano, a Folha implementa a *Elaboração Handbook*, publicada em forma de livro.

1991: A notícia é reorganizada em cadernos temáticos. Folha é o primeiro órgão da imprensa brasileira exigindo a destituição (demissão) do presidente Fernando Collor de Mello, que renuncia no ano seguinte. Primeira Página será publicada diariamente em cores.

1992: O Empresário Octavio Frias de Oliveira passa a ter o controle total da empresa. A Folha estabeleceu-se como o jornal de maior circulação paga aos domingos (média de 522,215 cópias).

1994: Com o lançamento do Atlas Folha / The New York Times em fascículos, a Folha quebra o recorde de circulação e vendas na história dos jornais e revistas no Brasil no dia do lançamento (1,117,802 cópias) ea semanas seguintes.

1995: Começa a funcionar o Folha Graphic Centro de Tecnologia em Tamboré. O jornal passa a circular incorporando das páginas coloridas.

1996: O Grupo Folha lançou Universo Online, o primeiro serviço on-line de grande porte no Brasil. No mesmo ano, Universo Online e Brasil Online, Grupo Abril, se fundem numa nova empresa, a Universo Online SA

1997: O jornal publicou a versão mais recente de seu projeto editorial, que propõe uma seleção criteriosa de fatos que têm de ser tratar jornalisticamente uma abordagem profunda, crítica e pluralista.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia que foi utilizada para o desenvolvimento deste trabalho. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória, com análise de dados de edições do caderno cultural do Jornal Valor. Econômico, *Eu&fim de semana*, com revisão bibliográfica sobre os tópicos conceituais relevantes na caracterização do discurso jornalístico dentro do campo jornalismo cultural.

Segundo Gil (2001), uma pesquisa qualitativa é um método de investigação empregado em diversas disciplinas acadêmicas, tradicionalmente nas ciências sociais, mas também em pesquisa de mercado e novos contextos. Os métodos qualitativos produzem informações apenas sobre os casos particulares estudados, e quaisquer conclusões mais gerais são apenas proposições. A pesquisa qualitativa muitas vezes categoriza os dados em padrões como a base primária para organizar e relatar os resultados. Esse estudo trabalhará com o tratamento de dados baseados na busca de trabalhos que já foram publicados.

Gil (2001) caracteriza uma pesquisa exploratória como os estudos que envolvem levantamento bibliográfico, realização de entrevistas, aplicação de questionários com pessoas que possuem experiências sobre o problema que está sendo investigado. A pesquisa exploratória ainda objetiva o desenvolvimento, o esclarecimento e a modificação de conceitos e ideias com o intuito de proporcionar

maior entendimento acerca de determinado assunto, ajudando na formulação de hipóteses que possam ser pesquisadas posteriormente. Publicado às sextas-feiras, com reportagens sobre artes, cultura, economia, política, ciências e relações internacionais - sempre de forma crítica e abrangente. A coluna "À Mesa com Valor" apresenta entrevistas com personalidades de diversas áreas, em um clima descontraído (Formato de tablóide).

A coluna cultural *Outros escritos* do Jornal Valor econômico é assinada por duas jornalistas, numa permuta quinzenal, Eliana Cardoso e Tatiana Salem Levy.

Eliana Cardoso é uma economista e escritora brasileira, nascida em Belo Horizonte. Formada pela PUC-RJ em 1972, é PhD em economia pelo Massachusetts Institute of Technology. Trabalhou no Departamento de Pesquisa do Fundo Monetário Internacional e também escreve de forma reflexiva sobre experiências de leitura e as questões suscitadas por estas.

Tatiana Salem Levy é uma jovem escritora brasileira. Atualmente, vive entre Rio de Janeiro e Lisboa. Desde maio de 2014, é colunista do jornal Valor Econômico.

Foi analisada a seção *Outros Escritos* do Caderno Cultural do Jornal "Valor" com o intuito de obter uma maior diversidade de dados e uma maior objetividade para assuntos de relevância com a pesquisa. Após a coleta dos dados foi uma análise e a interpretação dos mesmos. Os exemplares foram selecionados em função de darem uma amostragem no ano de 2016, tendo um exemplar a cada mês em que a referida coluna, objeto de nossa atenção, estava presente. E por meio de análise de conteúdo, através de leitura sistemática e síntese, alguns aspectos mais relevantes foram destacados a fim de construirmos algumas considerações finais acerca do que é a seção dentro do contexto do caderno cultural do jornal Valor e dentro do contexto cultural brasileiro contemporâneo.

Segundo Gil (2001) a interpretação de dados objetiva sintetizá-los e organizá-los para se chegar às soluções dos problemas propostos no estudo, buscando formas mais amplas de responder os problemas da investigação. No nosso caso, **compreender a coluna da seção "Outros escritos". Por que seriam "outros escritos" dentre tantos escritos outros que o caderno cultural já nomeia, tendo em vista os títulos singulares que este periódico dá as suas seções(?),** como pudemos observar na enumeração feita anteriormente em outro item deste trabalho.

Para tanto, foram selecionados os seguintes cadernos para análise, que agora passamos a reproduzir as capas com as devidas identificações de datas, a título de dar a ver a periodicidade e o intervalo que escolhemos para destacar os exemplares:

- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar: no.799.



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar n. 809.



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar: n.812.



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar. n. 814.



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar n.817.



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar: n.821.



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar: 827



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar n.828.



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar n.832..



- Revista Valor. Eu&fim de semana. Exemplar: n. 832.



As capas apresentam um design variado, porém com ilustrações que identifiquem o assunto principal das reportagens e seus personagens. Mas sempre dá destaque ao sujeito relacional, conforme Bakhtin em sua obra destaca, através do conceito de “dialogismo”, também comentado por Fiorin(2002). Como comentamos anteriormente, os enunciados não são de um indivíduo somente, mas de vozes que constituem as intervenções faladas ou escritas. Nessas interações comunicativas, diálogos entre sujeitos e de sujeitos consigo mesmos podem ser observados e analisados, dando a ver as questões ideológicas que constituem os sujeitos e cultura em que se produzem os discursos.

A ênfase espacial e tipográfica para o *EU & fim de semana*, tanto valoriza o eu leitor, como o eu cultural composto polifonicamente de diversas vozes.

Além disso, nesse destaque, a associação entre o eu e o fim de semana, temporalidade intervalar do jornal que não é editado nos fins de semana, concede ao leitor um “generoso” tempo de contemplação necessário para refletir sobre os assuntos e suas abordagens do caderno cultural. Um misto de lazer para o fim de semana de uma semana inglesa, constituída dos dias úteis de atividade profissional e esperado fim de semana. Tal semana faz alusão à semana das fábricas que funcionavam nos chamados dias úteis concedendo descanso (merecido) ao operário, trabalhador, no dias de sábado e domingo e que geralmente era também ocupado por questões de família monitorada pela religião.

Ao lado disso, não dá para negar que é passível de sugestão a revalidação de um eu individualista que tem constituído a contemporaneidade, quer através de certo narcisismo comportamental, quer através de um individualismo que reconhece no

indivíduo a força da cultura.

Neste ponto temos uma divergência significativa, do ponto de vista conceitual, pois Bakhtin via no sujeito da ação enunciativa o valor e a força da cultura, enquanto que a cultura em parte traz alguns nichos que valorizam os indivíduos, aqueles indivisíveis, quiçá, indizíveis para uma cultura que se reconheça plural. Tal ambiguidade sugerida pelo título do caderno, *Eu&fim de semana*, tanto é um convite a uma reflexão solitária, necessária à constituição do pensamento crítico, até para reconhecer as vozes plurais que constituem um eu, no caso, do leitor do caderno cultural, como também uma insinuação de certa frivolidade por tratar-se do final de semana de lazer, entretenimento e descanso.

4. ANÁLISE EMPÍRICA E DISCURSIVA

Para a análise foi selecionada a seção “Outros Escritos” do Caderno Cultural do Jornal Valor, que é publicada todas as sextas-feiras.

- Sexta-feira, 4 de março de 2016 .Ano 16 – no.799

A seção é escrita por Tatiana Levy. A seção é intitulada O ingênuo e o sentimental, a jornalista apresenta o resultado de uma conferência na Universidade de Harvard, onde Orhan Pamuk mostrou sua tese sobre literatura, mais especificamente sobre o romance pensado a partir do célebre ensaio de Friederich Schiller sobre poesia. O box lateral destaca a informação objetiva e descritiva como síntese do que a coluna vai desenvolver e dar a ver ao leitor. Além de referências sofisticadas e convocadas por uma especialista, no caso a PHD em Literatura, a jovem colunista, o desenvolvimento de sua experiência de leitura de livros e a escrita de uma profissional do romance é bastante articulada ao contexto contemporâneo em que vive a escritora e o leitor implícito. Mas ao final, de pois de citar Daniel Defoe, Flaubert, Lessing, por exemplo, além do Pamuk e de Shiller.

A colunista explica muito bem e claramente a natureza do romance e a capacidade que um leitor tem de conhecer seu autor preferido através da leitura. Tudo isto serve de mote para um elogio à literatura, concluindo que entre a ingenuidade e o sentimental e o conhecimento do outro pela experiência da leitura, o paradoxo fundador da Literatura está presente e o leitor é sagaz para percebê-lo.

A escritora revela(-se): *Ao nos entregarmos como leitor, estamos afirmando que o mundo realmente tem um centro, que a vida realmente tem um sentido.* E para aquele ainda esperançoso de encontrar respostas sobre a literatura, a poesia, ou sobre a vida, Tatiana Levy conclui: *Ainda que permaneçamos sem descobrir o centro, não renunciamos à esperança de encontrá-lo. O que vale é, sempre, a travessia.* Portanto, é ler num fim de semana que propicie estar consigo mesmo.

- Sexta-feira, 13 de maio de 2016. Ano 17 – no.809.

Quaresma, numa referência ao romance de Lima Barreto, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, a colunista dá a ver o legado do autor, além de reafirmar um caráter de tradição para a Literatura e a propriedade formativa dessa linguagem artística ao estabelecer uma relação com a

História, enquanto disciplina.

As evocações breves, porém pontuais a Cervantes, Machado de Assis, Mario de Andrade, os azes da literatura universal e brasileira, sem contudo deixar de reverenciar historiadores brasileiros de destaque, tanto jornalística da época do folhetim de Lima como da atual, tais evocações levam o leitor a conhecer um pouco mais da sociedade do século XIX e ao mesmo tempo ao refletir sobre o cotidiano que repete, grosso modo, a realidade histórica no cotidiano atual.

Essa relação entre literatura e história pode interessar a um leitor que também deseje compreender os percalços econômicos atuais do país, sendo convidado a vê-los, quem sabe, no passado da República brasileira. Segue a escritora: *Impossível ler O triste fim de Policarpo Quaresma e não pensar na Vila autódromo, onde casas foram demolidas para a realização das Olimpíadas e a construção de condomínios de luxo.*

- Sexta-feira, 3 de junho de 2016. Ano 17 -no.812.

Nessa seção, Eliana Cardoso em Literatura e psicanálise reflete sobre como a psicanálise pode ser usada para interpretar a vida e como a Literatura fez isto para conhecer melhor a realidade ou apresentá-la. Embora a sua influência não seja nem direta nem admitida comenta a escritora. Sem exceder sempre duas laudas, a coluna favorece a mudança de abordagem sobre um mesmo assunto ou tema, como é o caso deste texto. Diferentemente de Tatiana Levy, Eliana Cardoso sublinha o caráter utilitário que a Literatura empreendeu à psicanálise no mundo moderno.

- Sexta-feira, 17 de junho de 2016. Ano 17 - no. 814.

Eliana Cardoso escreve a seção Outros escritos com o texto denominado Orlando, Macunaíma e os transgêneros. Ela comenta como Mário de Andrade e Virgínia Woolf são mestres na suspensão de descrença, isto é, o quanto o leitor é convidado a entrar no jogo ficcional nos textos destes autores. Ela faz uma analogia com Macunaíma, dizendo que ele troca de cor como Orlando troca de sexo. A erudição é utilizada para dar referências ao leitor sobre princípios que regem as constituições dos textos e dos assuntos em questão. E nessa intenção de sublinhar o jogo de ficção, pela imaginação disparada, a escritora afirma: *Por definição, Orlando é uma fantasia: postula situações impossíveis para brincar com elas.* Para mais adiante sobre Macunaíma indicar: *Assim como Orlando, publicado em 1928, Macunaíma, de Mário de Andrade, publicado exatamente no mesmo ano, também é uma fantasia modernista.* Numa iniciativa comparativista, Eliana opta pelas semelhanças e continuidades para comentar os dois romances, dando ao leitor a oportunidade de perceber a universalidade da literatura independente da nacionalidade. E nesse sentido, confere ao seu texto certa capacidade de referir-se ao outro como semelhante. Essa fraternidade literária sugere a fundação de uma filia literária que ultrapassa afinidades eletivas.

- Sexta-feira, 8 de julho de 2016. Ano 17 -no. 817.

Na seção *Outros Escritos*, Tatiana Salem Levy apresenta o texto intitulado Vamos comer. Na coluna, ela descreve a suposta fragilidade da União Europeia, aponta a união como um projeto falido (falindo), descrevendo especificamente a saída do Reino Unido da União Europeia. Num assunto da hora, a escritora dá a sua posição crítica sobre um assunto de relevância, como cidadã e moradora europeia que também é na sua vida itinerante de escritora que é e ao mesmo tempo faz o leitor acompanhá-la

nas diversas referências literárias que sugere. A intertextualidade também é um recurso importante do seu texto. Mas é na cultura brasileira que a escritora vai buscar subsídios para comentar as questões que afligem a falida união europeia. A partir do conceito de antropofagia inspirada em Oswald de Andrade, Tatiana Levy dá a ver que comer o outro pode *nos tornar mais complexos* em vez de realizar qualquer impulso de destruição. O dialogismo presente na escrita de Tatiana tanto sugere um diálogo entre culturas e textos literários, como sugere um diálogo do leitor com seu texto e com o texto da própria vida. Aí sugere a dimensão reflexiva e formativa, por conseguinte, de sua coluna quinzenal.

- Sexta-feira, 5 de agosto de 2016. Ano 17 - no. 821.

Na seção *Outros Escritos*, Tatiana Levy escreve sobre a literatura engajada nos moldes de especialistas, em Não sei o que fazer. Antes de tudo, precisamos repensar que a arte pode ser desinteressada sem ser política, provoca a colunista. O jogo entre pensar a arte política e a política na arte, que Jacques Rancière em *A Partilha do Sensível*, por exemplo, desenvolve, é a linha que a escritora segue. Entretanto, sem a sofisticação na linguagem e no tratamento que este autor o faz no livro citado, um texto acadêmico e filosófico.

Não se pode dizer que há efetiva influência do escritor e filósofo francês contemporâneo no texto da colunista, mas em se tratando de uma especialista em Letras, também não seria nenhuma surpresa alguns resíduos em suas palavras articuladas. Tatiana também é tradutora de francês, o que facilita sua proximidade com Rancière. Interessa perceber que a sugestão de pensar fora da caixa aqui é pensar fora da ideia de produção, o que em tempos neoliberais é bastante difícil. Ainda se tratando de um jornal voltado para o poder econômico e os referenciais financeiros que tem orientado a realidade brasileira em contextos nacional e internacional, o que dizer desse insinuado paradoxo que o espaço jornalístico cria?

Mas é Walter Benjamin que podemos encontrar eco para a provocação de Tatiana, pois em *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, entre outros de seus escritos, como *O Narrador*, pode-se identificar que o filósofo alemão ao escrever sobre o autor, escrevia sobre a nova funcionalidade do autor como produtor num mundo em que a aceleração e a imediatez exige respostas rápidas que a arte da contemplação não possibilita realizar. Num certo sentido, pode-se dizer que essa é a diferença entre a escrita jornalística e a escrita literária, ou melhor, era, porque os processos de criação hoje não garantem mais esse diferencial. Além de Nietzsche, Tatiana faz alusão ao livro de Jean Luc – Nancy no título do seu texto ao mesmo tempo que cria certa perplexidade no leitor. Naquele leitor que procura em seu escritor um amparo ou uma resposta para suas contradições ou incompletudes. E talvez decepcione o leitor desavisado, acostumado a receber informações e dados precisos, ao escrever: (...) *E em tempos de urgência, tempos loucos como o nosso, eu diria que mais valem as perguntas do que as respostas. São elas que nos movem.*

- Sexta-feira, 16 de setembro de 2016. Ano 17, - no. 827.

A coluna intitulada *História e plantas* faz uma reflexão sobre a Literatura e memória, partindo do princípio de que a vida não tem sentido em si, novamente. O tema parece estar na cabeça da jovem escritora que talvez esteja num processo de amadurecimento profundo, tendo em vista a maternidade experimentada recentemente, conforme notícias postadas em sua página de FACEBOOK. Mas sem querer psicologizar o que não é do

nosso alcance, nem propósito neste trabalho, cabe pensar que refletir sobre o sentido da vida ante o estado de coisas emergentes e urgentes que temos vivido: guerras (em outros continentes, corrupção exacerbada no nosso país, limites humanos ultrapassados em alto grau de performances (jogos olímpicos), a banalização da vida tanto pela vida citadina, urbana, como elas, as guerras civis e religiosas impostas por atos terroristas, são algumas das questões que fazem qualquer mortal pensar a respeito de qual é o sentido da vida (?). O que Tatiana retoma é o valor da História e da narração nas nossas vidas para que conheçamos um pouco mais a realidade nessa relação entre presente e passado.

Num elogio a outra disciplina, a escritora finaliza: *Sem História nunca vamos nos entender. Nunca vamos entender o que acontece nos dias de hoje - e vamos continuar achando que carne é bife, não bicho.* É possível que o estranhamento e o choque sejam os efeitos causados no leitor de seus textos, mas a escritora o faz consciente dos efeitos possíveis e como num jogo faz suas apostas.

- Sexta-feira, 23 de setembro de 2016. Ano 17, no. 829.

Não houve seção *Outros Escritos*, pois a colunista Eliana Cardoso encontrava-se de férias e não estava na semana de Tatiana escrever e publicar.

- Sexta-feira, 21 de outubro de 2016. Ano 17 - no. 832.

Na seção *Outros Escritos*, Eliana Cardoso fala sobre a coragem necessária a Ihan Goldfajn para enfrentar os hawks e baixar os juros. Assunto do âmbito econômico, sob o título *A desmedida importância da política monetária* é introduzida por uma questão de valor, a coragem, e por referenciais da cultura brasileira, até pouco popular ou pop. Porém, com recursos de abordagem literária, tanto pelo estilo da colunista, como pelas referências literárias que escolhe utilizar para construir o seu texto, a escritora dá a ver sua posição sobre um tema selecionado e de muito interesse para o leitor contumaz do jornal. Inicia seu texto e o leitor em nomes como Lima Barreto e Guimarães Rosa. Sem negar sua formação de economista, a colunista consegue dar a ver ao leitor o quanto o contexto econômico brasileiro pode ser compreendido se o leitor compreender como e onde se situam as experiências vividas nos últimos tempos em termos econômico, através da leitura de livros sobre o assunto.

- Sexta-feira, 28 de outubro de 2016. Ano 17 - no. 833.

Na seção *Outros Escritos*, Tatiana Salem Levy em *Do fracasso veio a psicanálise* reflete sobre a Literatura e a psicanálise partindo do princípio de que a vida não tem sentido em si. A palavra-chave de seus textos é refletir, reflexão, que estrutura o caminho de leitura proposto. A colunista estabelece uma relação inicial de identidade entre as duas linguagens a partir da operação fundadora da interpretação com a qual as duas atuam sobre a realidade. Comenta falsamente com despreensão: *Quando não sabemos que a verdade não existe em si, temos também de rir de nossas interpretações e de nossa busca desenfreada por um sentido.* Mas como conhece bem a psicanálise enquanto paciente (confessa ter feito análise por dez anos), Tatiana Levy dá a ver que um livro nem sempre cumpre sua função de fruição e de dar prazer ao leitor pelo que pretende, mas, por vezes, pelo que não pretende fazer.

Como se observou a seção *Outros escritos* do caderno cultural do jornal “Valor” é sem dúvida a que se aproxima do leitor, utilizando uma linguagem acessível, atual, porém apresentando dados de autores, livros de forma crítica, num viés interessante que pode despertar o interesse de quem lê.

Sobre esta variedade de assuntos e seções, mas priorizando o viés cultural com certa ênfase na literatura, pode-se acoplar a constatação que Piza faz sobre o caderno de A Gazeta, porém que também concordamos e verificamos no caderno do jornal “Valor”:

A combinação de gêneros e temas. O caderno procurava dar na mesma edição, e alternar em suas capas, as modalidades de texto jornalístico: perfis, reportagens noticiosas, entrevistas, resenhas, efemérides, reprotagens interpretativas. Havia também a preocupação de não negligenciar nenhum dos assuntos do espectro do caderno (livros, exposições, música, cinema, TV, dança, arquitetura & urbanismo, ciência, gastronomia, design, esportes, comportamento, mercado e política cultural) e, de vez em quando, entrar firme em algum tema político-econômico do momento(...). (2009:112)

Além disso, a sofisticação dos temas e das abordagens com elementos e dados literários, inclusive, explicitando conceitos de teoria literária, trazem um misto de certo tom didático para o que a literatura é capaz de fazer com o leitor, como também um certo tom crítico e reflexivo que conduz o leitor a uma posição de suspensão, necessária para fazê-lo pensar sobre si e o outro no mundo. Talvez, sugerindo pensar sobre o “EU e o fim de semana”.

Acerca da experiência com o “eu”, a teoria da leitura de Larrosa sugere : (...). *Y La experiencia formativa sería lo que acontece em um viaje y que tiene La suficiente fuerza como para que uno se vuelva sí mismo, para que la viaje sea um viaje interior.*” (1998:371)

O jornal é um dos meios de comunicação mais importantes hoje, especialmente nos dois últimos séculos, e com a assimilação dos apoios tecnológicos da internet conseguiu colher ainda mais seguidores, contrariando algumas previsões que indicavam o sumiço do jornal.

O jornal, enquanto periódico, tem seu nome apenas por sua característica principal: o fato de que é publicado em períodos regulares de tempo. A questão prática mais comum para um jornal hoje é ser publicado diariamente, isto é, dia a dia com novas informações. No entanto, alguns jornais mais especializados ou áreas profissionais podem ser publicados quinzenalmente ou mensalmente, também dependendo das necessidades do público ou do tipo de informação que é publicada (ALTMAN, 1995).

No caso do Caderno Cultural do Jornal “Valor”, ele é publicado todas as sextas-feiras, como já indicamos. Mais do que informar ou dar serviço, o caderno de fato procura lançar luzes sobre temas que também estão presentes em produtos culturais com visibilidade no momento, quer pelas questões mercadológicas, quer pelas questões estéticas, lembrando que hodiernamente é difícil ambas andarem em

separado.

Cabe comentar que os textos da seção do caderno cultural do “Valor” vem acompanhados, sempre, de imagens, figuras, reproduções de obras pictóricas ou fotográficas, ou ainda arquitetônicas, em detalhes ou totais, entretanto, a edição pouco cuidada as diagrama sendo cortadas pela dobra do caderno. Tal corte é um critério de qualificação, por exemplo, de textos com ilustrações num conjunto de obra, no caso na avaliação da seção *Outros escritos*. Diante de tal organização, consideramos pouco relevante dar igual importância às imagens reproduzidas neste exercício de leitura.

Mas é interessante observar que há uma preocupação de dar certa sobriedade ao caderno *Fim de semana* com o tipo de ilustração e diagramação na capa. Percebe-se que a opção por papel de gramatura própria de jornal diário, sem o brilho comum dado às revistas de outros veículos, como por exemplo, *Severina* da FSP, ou *O Globo*, com papel brilhante e gramatura de toque macio na textura escolhida, nem grosso nem fino demais que rasgue facilmente, pode sugerir que a reafirmação de ser um encarte de jornal torna o caderno com valor mais orgânico em relação ao jornal “Valor”.

Na semelhança do *Fim de semana* da Gazeta comentada e analisada por Piza, destacamos o que nos orientou em termos de reflexão para este exercício de leitura que foram cinco hipóteses construídas a partir da experiência que desenvolveu naquele jornal. Aqui, neste momento, apenas acrescentamos uma, uma vez que optamos por fazer tal reconhecimento ao longo do exercício de leitura, sem querer traçar um manual, quer de leitura, quer de escrita jornalística cultural, reproduzindo o tom didático que Piza com talento apresentou em seu livro:

O caderno queria transmitir o grande prazer de ter uma vida cultural ativa: pressupunha um leitor urbano, moderno, cosmopolita, com lugar na sensibilidade para um romance de Philip Roth ou um jogo de futebol, um debate sobre globalização ou um disco de Dorival Caymmi. (2009:112)

É inegável que o jornal é uma das formas mais importantes de comunicação que existe hoje, mesmo dividindo sua importância com programas e atividades de entretenimento e consumo, o jornal é a fonte que faz circular a realidade em suas contradições. Isso porque a presença de informações de todos os tipos, com maior ou menor rigor de apuração ou tratamento da informação, faz com que sejam meios passíveis de credibilidade, sem deixarmos de perceber que são discursos e ideologias que constituem os jornais.

A possibilidade de disseminar as informações ou dados que considerem mais convenientes, sem que isso signifique necessariamente que a verdade está faltando, ou está ausente, é o desafio de propor um modo ético ao olhar cotidiano.

Os jornais são também um dos meios mais acessíveis que a sociedade que lida com a escrita encontra para ter acesso à informação em geral, que de outra forma só seria tratada por funcionários políticos ou intelectuais. Nesse sentido, as mídias alternativas e comunitárias tem contribuído para que os cidadãos em geral questionem as notícias e exijam mais dos especialistas no tratamento do fato.

Em termos culturais, reconhecemos que dar visibilidade a algumas expressões culturais hoje já não é uma questão aceitável pacificamente pelas comunidades. Neste sentido, o jornal Valor com seu caderno cultural não se coloca tais questões, ao que tudo indica, pois os produtos com os quais lidam vão de encontro a mídia televisiva hegemônica, o que não quer dizer que não traga para sua veiculação também uma cultura hegemônica.

A seção *Outros Escritos* aborda diferentes manifestações culturais e ideológicas, priorizando a literatura sempre, que representam uma personalidade, ou mais pessoas e suas culturas e tendências sociais, identificando-as como parte de um grupo maior de cidadãos e sujeitos. Mas não é simplesmente falar de livros como resenhas ou críticas estéticas marcadas, a seção parece querer sugerir um caminho, um modo de estar no mundo, através da reflexão, como se este ato fosse a força motriz para dar sentido o que não parece ter sentido em si, a vida.

Ressalta-se que a cultura é uma criação do ser humano, se levarmos em conta que os seres vivos restantes subsistem do uso do meio, mas não da criação do mesmo. Assim, embora compartilhem com eles as funções orgânicas que nos fazem nascer, crescer, reproduzir e morrer, a cultura é um bem exclusivo do homem que é igual a todos os indivíduos (já que todos nós podemos criá-lo), mas ao mesmo tempo nos torna diferentes (porque cada um cria sua própria cultura), aumentando a riqueza que o ser humano compõe.

A linguagem usada na seção é direta, fluida, concisa, com referências de imediata verificação por parte do leitor atento e atualizado, o que favorece a compreensão do leitor. Os assuntos abordados apostam em tópicos de interesses diversos, como literatura, arte, política, movimentos culturais e de gênero, essa pluralidade de temáticas faz com que a seção "Outros Escritos" tenha uma diversidade de público, o que certamente é um ponto positivo, pois aspectos culturais amplos atraem um grupo mais diversificado. Entretanto, percebe-se que deverá ser um leitor proficiente e bastante iniciado na leitura tanto jornalística como cultural e, quem sabe, até literária, uma vez que as referências das colunistas é sempre direcionada para livros que foram lidos por elas e que são evocados ao longo dos textos que publicizam.

A escrita de Cadernos Culturais não pode deixar de lado os padrões de comportamento da sociedade, bem como os sistemas de crenças, princípios e formas de vida, pois desse universo deriva a cultura, que em resumo é a soma de todas as formas de arte, amor e pensamento, que ao longo do tempo permitiram que os seres humanos fossem mais livres ou alimentassem o desejo de sê-lo e por ele lutasse.

A cultura é aquela ligação invisível que nos une e que expõe modos de pensar e viver. Nesse quadro, representações culturais como arte, literatura, linguagem e religião, juntamente com os valores e crenças de uma comunidade, formam a sua essência e se manifestam através do estilo de vida daqueles que pertencem a ela. Cada cultura é especial, diferente e é essa diversidade que nos enriquece.

Assim, a cultura está relacionada com o desenvolvimento de nossa atitude porque nossos valores influenciam a maneira como vivemos. De acordo com a

definição behaviorista, este é o último sistema de controle social onde as pessoas dominam suas próprias normas e comportamentos (ERBOLATO, 2004). Os valores são nossos princípios fundamentais, moldam o que pensamos, como nós procedemos e nossa maneira de ser.

5. ENTREVISTA DE VALOR

5.1. JOVEM ESCRITORA DE VALOR

Esta seção apresentará uma breve entrevista concedida pela escritora Tatiana Levy, colunista da seção *Outros escritos* do caderno cultural do jornal "Valor Econômico" e contemporânea do doutorado em Letras que fomos na PUC-Rio, e que aceitou prontamente colaborar com essa pesquisa. Entrevista antecedida por breve biografia da ficionista.

Tatiana Salem Levy nasceu durante a Ditadura Militar Brasileira, em 24 de janeiro de 1979, quando a família estava exilada em Portugal. Meses depois do nascimento, voltaram para o Brasil, beneficiados pela Lei da Anistia brasileira. Descendente de judeus turcos, morou na França e nos EUA, durante o doutorado em Letras, realizado na PUC-Rio, onde nos conhecemos e convivemos organizando eventos acadêmicos e a revista *Escrita* (on line) de pós-graduandos.

Graduada em Letras pela UFRJ em 1999, ingressa no mestrado em Estudos Literários, na PUC-Rio, e apresenta a dissertação *A Experiência de Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*, publicada pela editora Relume Dumará, em 2003 e pela Civilização Brasileira em 2010. Torna-se tradutora do Francês nesse ínterim e ingressa no doutorado em Letras, concluído em 2007 com a tese que deu origem ao seu primeiro romance de cunho autobiográfico.

O conto "Tempo Perdido" de sua autoria recebeu do escritor britânico Ian McEwan a seguinte consideração: "I thought it was a wonderful story that wears its symbolism very lightly. I was very touched."

Escreveu contos incluídos nas coletâneas *Paralelos* (2004), *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira* (2005), *Recontando Machado* (2008), *Dicionário Amoroso da Língua Portuguesa* (2009), *Primos, Se não houvesse amanhã*, entre outros.

O seu primeiro romance, *A Chave de Casa* (2007), publicado pela Record e em Portugal pela *Livros Cotovia*, com elementos autobiográficos, recebeu em 2008 o prêmio São Paulo, categoria Melhor Livro de Autor Estreante, além de ter sido finalista do Prêmio Jabuti e do Zaffari & Bourbon. Nele, a narradora é uma brasileira descendente de judeus turcos que foram expulsos de Portugal pela Santa Inquisição. A personagem recebe do avô a chave de uma casa e a missão de procurar a antiga casa da família em Esmirna, na Turquia, para que ele possa se reencontrar com seus parentes. Este romance também foi publicado também na França, Itália, Espanha, Romênia, Turquia, Austrália. Sairá em Breve no UK e na Croácia.

Em 2010, organizou a coletânea de contos *Primos*, também publicada pela Editora Record. O livro reúne histórias escritas por autores brasileiros descendentes de árabes e de judeus. E lança seu segundo romance, *Dois rios*, a história de dois irmãos que se apaixonam por uma francesa publicado pela Record e também em Portugal, Itália e França.

Em 2012 Tatiana foi selecionada como um dos 20 melhores jovens escritores da revista britânica *Granta*, que inclui seu conto "O Rio Sua". No Brasil, a revista *Granta* é publicada pelo selo "Alfaguara", que pertence à editora Objetiva.

Tem participado de antologias de contos em diversos países, como Suécia, Finlândia, México, França, Israel, Estados Unidos, Alemanha, entre outros. E publicou dois livros infantis, "Curupira Pirapora" (Tinta da China, Prêmio da FNLIJ) e "Tanto Mar" (prêmio da ABL)

Seu mais recente romance, "Paraíso", foi publicado no Brasil no final de 2014, pela editora Foz. É essa "jovem" escritora com tantas habilidades e experiências culturais diversas que colaborou com essa pesquisa, concedendo esta breve entrevista a seguir sobre seu mais recente ofício de colunista do "Valor Econômico".

E agora, no início do mês de Junho acaba de lançar um livro de tom ensaístico na coletânea editada pela José Olympio, *O mundo não vai acabar*, com direito a crítica no caderno cultural do "Valor econômico", *Eu&fim de semana*, que foi destacada pela própria autora em sua página de FACEBOOK, escrita por Jacilio Saraiva³. O curioso é que o serviço indica que são 30 crônicas, selecionadas a partir da produção realizada entre 2014 e 2017, desde seu ingresso no mundo do jornalismo cultural com regularidade e profissionalismo, embora a autora não se classifique ou enquadre na categoria de jornalista, o que de fato podemos concordar discordando. Isto é um ponto nevrálgico que diz respeito à formação no campo do jornalismo sobre a formalização do diploma para o reconhecimento e exercício da carreira ou não. Aqui optamos por não tratar tal ponto referente à carreira de jornalista, talvez, pela compreensão mais ampla do que vem a ser a prática cultural no jornalismo cultural.



(Tatiana Levy, disponível em <http://www.tertuliaonline.com.br/postagem/ver/258>)

³ A notícia do lançamento de seu livro por Jacilio saiu em 2 de junho de 2017, Ano 18 – no.863 do caderno EU&fim de semana, na seção "Lançamento" do jornal "Valor Econômico".

5.2. ENTREVISTA COM VALOR

(A TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE TATIANA LEVY - COLUNISTA DO JORNAL VALOR ECONÔMICO - enviada em 4/4/2017, por email em forma de anexo de áudio.)

Numa voz tranquila, delicada e suave, quase rouca, um pouco diferente da Tatiana (Levy) que conheci na universidade (Puc-Rio), onde fomos contemporâneas de doutoramento em Letras, ela responde gentilmente às questões que lhe enviei alguns dias antes, em meio à agenda doméstica e profissional que tem atendido em seu cotidiano de mãe, cidadã, mulher, escritora, palestrante, colunista, enfim, buscando encaixar o convite, feito - meio a queima roupa - , via rede social FACEBOOK.

As respostas chegaram bem pontuais, detendo-se no que abordavam, e antecedidas pelo resumo deste trabalho de investigação e reflexão, a fim de situar a escritora sobre a proposta em curso de reflexão, uma vez que o convite já tinha sido aceito. Mas, por outro lado, foram respostas espontâneas, com uma voz cheia de modulações que vão se alternando ao longo da “conversa”, bem à vontade, já que a entrevista não dispunha de interrupções ou tempo predeterminado, a não ser o que ela, a colunista, considerasse possível, dentro de sua agenda.

Ao considerarmos que foram perguntas que buscaram situá-la como alguém que pode estar interagindo mais regularmente no cotidiano de leitores, como é o caso de colunistas, formadores de opinião, e de leitores bem diferenciados, isto é, direcionados para a área econômica, como é o caso do jornal “Valor econômico” e deste caderno cultural *Eu&fim de semana* - o que ela mesma pontua numa das últimas perguntas, a extensão da entrevista superou as expectativas e favoreceu o olhar crítico sobre o material de reflexão e pesquisa.

Ao mesmo tempo, Tatiana indicou estar “falando” com alguém que lhe acompanha e que entende o cotidiano acadêmico, do qual a escritora se afastou, como notícia, e alguém que está também ligada na vida literária, como é o meu caso, quer como leitora, quer como docente, quer como crítica da cultura. Enfim, nesses tempos de distâncias longas e abreviadas pela internet, foi um privilégio obter de Tatiana essa contribuição significativa e bastante instigante, embora aparentemente breve e até previsível. Certamente, ainda temos material para a *posteriori* desdobrarmos em outras reflexões.

Passemos, então, à entrevista⁴:

ANGELI ROSE: Como você entrou para o jornalismo cultural, em específico, o “Valor”?

TATIANA LEVY: *Então, eu entrei pro VALOR a convite do editor do **Eu&fim de***

⁴ A partir da segunda pergunta, optamos por identificar os participantes, entrevistadora e entrevistada, com as iniciais dos seus nomes, a saber: AR (ANGELI ROSE); e TL (TATIANA LEVY). Esclarecemos que a entrevista foi realizada a distância, uma vez que a escritora divide sua moradia entre Lisboa (Pt) e Rio de Janeiro (Br), além de ter inúmeros compromissos profissionais, o que gerou a necessidade de se viabilizar a realização da mesma através de suporte que contemplasse tal realidade. Assim, gentilmente, Tatiana enviou-nos um áudio por email e nós o transcrevemos para ser inserido neste trabalho e compartilhar tal documento com os leitores.

semana, Robson Borges, na verdade, onde hoje é o “Outros escritos”⁵, antes era um espaço em que cada semana uma pessoa diferente escrevia. E o Robson já tinha me chamado pra[pra] escrever pra esse espaço 2 vezes, assim como tinha chamado muitas outras pessoas. Ele tinha gostado do que eu tinha feito...e então quando ele decidiu ter duas pessoas só,fixas,ele resolveu me convidar e convidar a Eliana Cardoso.

AR: Você tinha alguma referência no jornalismo ou na crítica literária para enfrentar essa empreitada?

TL : *[reanimando a voz] Bom, eu li muito Silviano Santiago⁶, li muito José Castelo⁷, e...acho que talvez essas fossem as referências mais contemporâneas, [né?](mas aí como você fala, como você fala... no resumo do seu trabalho: acho que de fato eu estar assumindo esse espaço no jornal de um grande crítico [assim] da literatura. Então... um pouco complicado também falar de grandes referências, sabe?. Acho que eu poderia... citar esses dois autores, como autores que eu acompanhava [assim]...*

AR: Verifica-se que vc aproveita muito da sua formação em Letras nesses “outros escritos”, chegando a explorar questões bem específicas da Teoria da Literatura. Isso é intencional? Você acha que poderia fazer diferente?

TL: *Sim, é intencional a ideia de explorar questões bem específicas da teoria da literatura, até por que quando o Robson me fez o convite, ele me falou justamente do meu primeiro livro, que é um livro de ensaios, “A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze”⁸, que foi minha dissertação do mestrado. É... eu acho que foi esse livro [indicando estar sorrindo com a lembrança] que levou o Robson a me convidar. Claro, também o fato de eu ser escritora, mas esse livro contou bastante. Então entendi um pouco que o “caderno” queria essa... esse ponto*

⁵ Podemos avaliar o nome como um índice do gênero textual em questão, isto é, o gênero discursivo explorado na seção Outros escritos do caderno cultural do Valor econômico, pois há tanto traços de ensaio como de outra “coisas”, outro gênero a nascer, ou a ser identificado. A melhor referência teórica para aprofundarmos tal “indefinição” seriam João Barrento, crítico português e tradutor de Walter Benjamin, como também o próprio Walter Benjamin em seus escritos, aqui no Brasil, intitulados “Rua de Mão única” e também comentados por João Barrento no apurado trabalho de crítica e filologia, *Limiares sobre Walter Benjamin*, UFSC, 2013. “

⁶ Silviano Santiago, escritor, professor da UFF aposentado, e crítico literário, além de tradutor, com inúmeras publicações sempre ligadas à literatura, principalmente, com destaque para ensaios sobre a América latina.

⁷ José Castelo é ensaísta, principalmente, e colunista do jornal O Globo.

⁸ Este pequeno livro que foi a primeira publicação acadêmica da escritora trata da abordagem de leituras possíveis de textos a partir das obras dos autores citados, porém, extrapolando a dicotomia, a dualidade e a ambivalência tão afeitas à modernidade, enquanto época de modo de pensar e agir no Ocidente. Com esses autores, Tatiana dialoga e os faz dialogar numa “conversa” rica e densa, porém de texto agradável, sobre essa relação de interioridade e exterioridade na formação dos pensamentos e mesmo das categorias do pensamento. É já em si um texto ensaístico que mostrou o rigor do texto de uma leitora jovem, porém de pensamento crítico amadurecido no que se pode considerar de melhor da madurez, que é ser formativo e conceitualmente apurado.

de vista, assim, sabe? Que [que] não fosse uma coisa muito crônica⁹, que fosse mais uma reflexão, mais aprofundada das coisas, entendeu? Acho que o “caderno” explora bastante isso... que tem espaço pra textos mais longos, mais reflexivos... então, não era um simplesmente um “gostei desse livro por isso ou por aquilo”, [né?]. São reflexões que partem de livros [voz firme e frisando a informação], mais do que uma leitura propriamente do livro, acho que não é por aí... o que cada livro me fez pensar. Se eu poderia fazer diferente? Poderia fazer diferente, com certeza. A gente sempre pode fazer diferente... poderia fazer uma coisa... num tom mais de crônica mesmo, né? Mas eu gosto desse tom mais reflexivo porque também é uma forma... Eu acabei largando a universidade, né? Depois de ter feito o doutorado e.. um ano depois de pós-doutorado na UFRJ, também, porque eu não queria tanto dar aula, né?. Eu não queria muito a vida acadêmica... Mas a pesquisa em si sempre foi uma das minhas paixões, né? Eu gosto muito de estudar teoria, de ler teoria literária, de ler psicanálise, ler antropologia, ler filosofia, então, acho que essa coluna do “Valor” foi uma forma de voltar a esse estudo... [é] sem voltar pra universidade ...

AR: Você tem algum retorno dos leitores? Em que medida? Por que meios?

TL: Eu tenho retorno dos leitores sim, por email, sempre por email. Engraçado que eu acho que o “Valor” é, talvez seja um jornal mais formal¹⁰, assim, de um público mais formal¹¹, então, quase não tem comentários no link . Mas eu recebo sempre muitos emails, assim.. a maioria dos emails é de advogados, de economistas, de profissões mais por aí... é raro eu receber emails de gente do meu meio. Ah! e eu acho que essas pessoas comentam no FACEBOOK...

AR: Depois que começou a escrever no Valor sentiu alguma diferença na sua produção ficcional? De que tipo?

⁹ Sem dúvida que a percepção sensível da colunista a coloca numa posição bastante sofisticada e ao mesmo tempo redimensiona o texto jornalístico de tradição cronista. A escritora se despoja da obrigatoriedade de registrar um acontecimento de seu tempo com tom filosófico, que caracterizaria a crônica em seu viés literário e jornalístico, mas sem abrir mão do a une e mantém na contemporaneidade. Está no seu tempo histórico, porque seus textos apresentam inúmeros índices dessa cronologia marcada, porém, alça voos com as referências de onde dispara tais reflexões. Talvez, seja isto que encoraje seus leitores a escreverem para ela por emails, quem sabe?

¹⁰ A provocação chega nesse momento. Um jornal mais formal? Ou mais sofisticado por tratar de economia? E de uma economia de feição financista? É sem dúvida uma percepção aguçada, se considerarmos os tempos de simplificações e de massificações. O que sai da “caixa” parece mais formal. E de fato, a linguagem de seus colaboradores busca um vernáculo mais formal e identificado com a linguagem escrita.

¹¹ Sabemos que essa relação de leitores com o jornal não é necessariamente linear e direta, mas a formalidade a que se refere Tatiana Levy, talvez diga também respeito a profissões bastante distanciadas dessa realidade de “serviços e produtos” que não são de primeira necessidade como é a literatura ,ou mesmo a reflexão em tempos tão imediatos como são o nosso tempo. A representação social da cultura sugerida nas poucas palavras da escritora traz-nos uma questão importante para o Jornalismo cultural, que é o fato de ao mesmo tempo lidar com “produtos” tão fundamentais para a formação humana e humanista dentro do âmbito da cultura; e ao lado disso, ter a consciência de que não é visto como de primeira necessidade. Isto talvez se enlace com a tradição de políticas públicas nas áreas de educação e cultura que não são privilegiadas em continuidade.

TL: Não senti nenhuma diferença não na minha produção. Acho que... são duas Tatianas diferentes¹²... a que escreve ficção e a que escreve não ficção.

AR: Hoje, além de escritora de ficção, você se considera jornalista?

TL: Não me considero jornalista, porque eu não sou jornalista, não faço reportagens, né? Acho que o trabalho de jornalista é bem diferente¹³... Acho que sou uma escritora de ficção e de não ficção... Escritora¹⁴, sempre.

É isso. Qualquer coisa me fala. Beijos. Boa sorte!

5.3. ALGUNS VALORES EM QUESTÃO

Antes de concluirmos esta empreitada reflexiva, consideramos necessário comentar alguns aspectos levantados pela escritora e colunista Tatiana Levy, a fim de validar sua contribuição para esta iniciativa que pretendeu colaborar para o debate em torno da presença do Jornalismo Cultural praticado hoje em nosso país, principalmente.

Cabe ressaltar que o acordo de participação inclui deixar a escritora bastante à vontade para responder quantas questões desejasse e no tempo que dispusesse, por email, inicialmente, uma vez que seu cotidiano entre Brasil e Portugal, fora os países por que circula em eventos para os quais é solicitada, além dos afazeres de mãe de primeira viagem há menos de dois anos, requerem muito de seu envolvimento.

Por isso, entendemos desde o início que a afirmativa ante a proposta já era em si um ganho para esta discussão tendo em vista a disposição de Tatiana em colaborar, quase às escuras, com esse trabalho. Posteriormente, sugerimos a opção de envio de áudio, o que de fato favoreceu e agilizou a realização da entrevista.

A escritora, Tatiana Levy, enviou-nos um áudio com suas respostas, de maneira bem informal e, ao que tudo indica, bastante espontânea, pois a linguagem cheia de marcas de oralidade com certa improvisação e vícios de linguagem de teor fático (tais como “né?”, pausas e “assim”). Para nós foi muito significativa esta disponibilidade, uma vez que entendemos que a interlocução e o diálogo, mesmo a distância deu-se por desejo de efetivar uma presença para além das colunas

¹² A escritora parece ter clareza das inúmeras facetas que o “empreendedorismo” contemporâneo passou a exigir, mas também a possibilitar a seus produtores de cultura, ou como diria Mario de Andrade, a frente de seu tempo: “Eu sou trezentos/sou trezentos e cinquenta”

¹³ De fato, o trabalho do jornalista é bem diferente e mais amplo em termos de possibilidades no que diz respeito ao espaço do jornal, entretanto, a pergunta veio para provocar reflexões sobre as formações hoje e o que efetiva um cidadão numa categoria profissional para além da formação universitária, considerando certa tradição na cultura brasileira, latina e ocidental mesmo. Sempre é importante atualizarmos tal questão, já que os tempos de imediatez também parecem, por vezes, mascarar a densidade das situações e da realidade que nos rodeia.

¹⁴ Assim, Tatiana está em perfeita consonância com o que Walter Benjamin explorava em seu texto sobre o “Narrador” e o escritor como produtor (de textos). Tatiana parece ter a plena consciência de que sua produção desenvolve-se no espectro amplo da ficção e da não ficção, sem se deixar pegar pelos enquadramentos profissionais. Essa figura no limiar da linguagem que pode ser um escritor hoje. Sempre escritora.

quinzenais, estando no presente de uma leitora e pesquisadora. E entendemos que, por mais que as perguntas até fossem previsíveis, havia essa abertura para ver seu trabalho de colunista recebendo um tratamento mais sistematizado e crítico. Já que buscamos material sobre isso pela rede Internet e não encontramos.

De fato, Tatiana é mais solicitada como escritora de ficção. Neste sentido, consideramos que sua breve entrevista tem valor formativo para consultas posteriores de profissionais e, ou estudantes de jornalismo. Outras observações, optamos por fazê-las no corpo da entrevista como notas, a título de adensar este trabalho e sem a pretensão de esgotarmos nesse momento a entrevista.

6. CONCLUSÃO

Os cadernos culturais possibilitam que a disseminação de dados de várias linguagens na sua feição artística se efetivem, porém, no caso dos textos literários, a divulgação de autores e reflexões sobre questões contemporâneas suscitadas por experiências de leitura com tratamento histórico ou não, e a partir de obras literárias sejam uma realidade no cotidiano cultural contemporâneo, ajudando tanto na divulgação de aspectos culturais, como sendo uma forma de atrair o leitor para o conhecimento literário com a utilização de uma linguagem mais direta e mais dinâmica, sem abdicar de certa sofisticação necessária, que convida o leitor não especialista a experimentar alguns referentes de área diferente, porém ansioso por questões de caráter formativo.

Neste sentido, o jornal “Valor” em seu caderno cultural, introduz um aspecto formativo sobre o leitor, acerca disso, remetemos nossas reflexões à teoria de Larrosa (1998):

Porque lleva a cada uno a lo próprio, em La formación no que se define anticipadamente, em función de su fin, em lós términos entiendo teleológicamente, em función de su fin, em términos Del estado final que sería su culminación. El proceso de formación está pensado más bien como una aventura. (p.358)

O Caderno Cultural do Jornal “Valor econômico”, *Eu&Fim de semana*, apresenta uma linguagem clara, concisa e acessível, por tratar-se de um Jornal voltado para a economia, a seção *Outros Escritos* permite a análise não apenas de livros e obras, mas a seção desenvolve certa abrangência cultural, abordando temáticas como religião, psicologia e implicações econômicas e políticas na sociedade atual, devolvendo para o leitor as tensões do cotidiano de âmbitos nacional e internacional.

Pode-se considerar que ao trazer para o espaço jornalístico assuntos diversos que seriam de grande interesse para as pessoas em geral, essa seção torna-se bem aproximada do grande público por um lado, podendo ser atraente para diferentes

segmentos sociais,isto é,um produto altamente recomendável.Entretanto, temos clareza de que é um jornal para cidadãos de poder aquisitivo privilegiado no cenário nacional,além de ser uma ilha no jornal em questão.

Apesar de acompanhar as temáticas que são de interesse da sociedade atual, verifica-se que a seção *Outros escritos* opta pela pluralidade de temas, não se fixando em divulgação de obras literárias na função restrita de oferecer serviço. As colunistas que assinam a seção “Outros escritos”,Eliana Cardoso e Tatiana Salem Levy, optam por temas globais,entretanto,sem perder a visão de incluir,por exemplo, em forma de “dossiê” temático algum autor brasileiro,como foi o caso de Mário de Andrade,o que ocorreu em uma das edições analisadas. Percebe-se que a ocorrência de referências da cultura brasileira pode indicar um perfil da seção,sem desconsiderar a literatura universal e livros que não se inscrevam no campo da ficção,mas que tenham em alguma medida um traço sobre experiências singularizadas,como Eliana Cardoso,por exemplo,sendo economista o faz,mesmo quando seleciona um livro sobre economia ou questões do âmbito econômico.

Embora o valor de custo do jornal em questão não seja acessível no cotidiano para a maioria da população brasileira, como é possível constatar por inúmeros dados oficiais de censos diversos e noticiados cotidianamente pela mídia em geral, pois praticam R\$5,00 na banca, sendo, portanto razão para tirar a visibilidade do periódico; por outro lado, a presença nas redes sociais confere certa visibilidade ao jornal e até certa medida possibilita o acesso, mesmo que parcial para não assinantes.

Aliás, essa é uma questão para os jornais impressos atualmente, e para o jornalismo cultural,a distribuição que inclua um marketing digital satisfatório e suplante as dificuldades de distribuição cotidiana do impresso.Ao lado disso,observou-se que o grau de sofisticação de abordagens com referentes relacionados a disciplinas como antropologia,psicanálise,filosofia,sociologia,entre outras,já em si apresenta também produtos de circulação restrita no cotidiano cultural brasileiro.

Deste modo, o tratamento dado aos objetos de análise ou disparadores de reflexões, como os livros comentados e criticados pelas colunistas, assumem um aspecto formativo, dirigido a um público leitor iniciado na leitura literária em geral.O mesmo pode ser observado nas demais seções relacionadas a outras linguagens como cinema,teatro,poesia,por exemplo.

Recordo que em breve diálogo com a escritora Tatiana Levy,comentei que suas inserções continham um quê de aulas de Teoria da Literatura,com o que ela concordou,como poderá ser conferido adiante.

Em realidade, o jornalismo cultural que parecia estar fadado ao fim pelas escolhas dos impressos em suprimi-lo por razões de economia, por exemplo, foi revigorado na cibercultura, explorando um gênero que tem sido objeto de trabalhos acadêmicos, inclusive, que são os blogs e a multiplicação deles, por exemplo, assim como a presença de especialistas e profissionais da área em diferentes redes sociais,com o gênero contemporâneo que é o “micro-blog”,também buscando interagir com cidadãos,em alguns casos.

Nesse sentido, o Jornal “Valor econômico”, sem abrir mão de linguagem jornalística e conteúdo mais elaborado e ao mesmo tempo especializada no âmbito da crítica cultural e da estética em geral, tem marcado presença entre profissionais de diferentes áreas de conhecimento, como advogados e economistas, por exemplo.

Tal convivência volta a tencionar questões em torno da cultura de massa e a chamada “alta cultura” ou cultura formativa, o desafio posto cotidianamente para todos os profissionais da área e para os cidadãos que desejam ver-se em um patamar cultural mais diverso que ainda contemple o “estranhamento” como categoria estruturadora, quem sabe.

E por fim, sugerimos que a dimensão transnacional a que nos referimos na apresentação resumida do trabalho de reflexão que nos dispusemos a fazer, contempla tanto o aspecto territorial, por ter a produção do jornalismo cultural latino-americano presente, como também por entendermos que as questões que surgem das reflexões, ou são delas objeto dizem respeito ao nosso tempo e ao tempo de cidadãos que pensam e querem manter-se em movimento reflexivo enquanto exercício de leitura existencial. Mais do que a esta ou aquela cultura ou literatura nomeada.

A reflexão sobre tal dimensão foi, principalmente suscitada pela leitura de Piza(2009) acerca do ainda chamou de “o nacional e o internacional” em um dos tópicos e subtítulos do seu livro sobre o assunto, Jornalismo cultural e observa criticamente que “alternando intensamente entre o nacional e o internacional, lançando pontes entre ambos, o jornalismo cultural só ganhará poder de interpretação sobre tal realidade moderna.”(p.62)

Num passo adiante, tendo a consciência do hibridismo e do pop, por exemplo, que são modos de se estruturar e compor produções contemporâneas, num amálgama de grande complexidade, podemos arriscar que mais do que apenas oscilar num “equilíbrio” entre um e outro, o que não deve ser invalidado, cabe considerar que o campo cultural traz em si na sua definição, natureza e porquanto em seus objetos de análise e atenção essa complexidade que ultrapassa por vezes a oscilação equilibrante que pode soar como conciliatória e pouco conflitiva e tensionante como de fato é a vida contemporânea.

Nesta direção é que compreendemos que “Outros escritos” também propõe além de si, de nós, brasileiros ou não, em tempos de refugiados por exemplo, uma certa utopia para seus escritos, ou distopia que transcenda o que é nacional e o internacional, ou do nacional e do internacional, mais do que evidenciando o híbrido, dando a ver as relações de força envolvidas nas construções literárias, linguísticas, sociológicas e políticas, articuladas com o estético.

Talvez, quem sabe, para outro exercício de leitura, em outros escritos, venha a se suplantam a oscilação cultural, não para tolerar ou conciliar pertencimentos, e, sim, para dar a ver os pontos de tensão que estão hoje a produzir tensões e olhares mais apurados e rigorosos sobre os interesses e desinteresses que vem compondo o cenário cultural contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo** – o jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo (SP), Companhia das Letras, 1988.

ABRIL, Editora. **As 30 melhores entrevistas de Playboy** – agosto de 1975 – agosto de 2005. (Organização e edição de Luiz Rivoiro). 1ª edição (Edição de colecionador). São Paulo (SP), Editora Abril, 2005.

ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista** – uma antologia de 1823 aos nossos dias. São Paulo (SP), Scritta, 1995.

ARFUCH, Leonor. **La entrevista una invención dialógica**. Barcelona (Espanha), Paidós Papeles de Comunicación, 1995.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. São Paulo: editora Martins fontes, 1997.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo Cultural No Século 21** - Literatura, Artes, Visuais, Teatro, Cinema e Música. Ed. Summus. 2006.

BRAIT, BETH. **Dialogismo e Construção do Sentido**. Ed. SP: Unicamp, 2002.

BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor*, In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, vol. 3a. edição. São Paulo: editora Brasiliense, 1987.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2003.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas** – teoria, prática e experiências. Coleção Fazer Jornalismo. Petrópolis (RJ), Editora Vozes, 2006.

CARVALHO, Nelly de. Publicidade – **A linguagem da Sedução**. São Paulo : Ática, 1996.

CASTELLO, José. O impasse de Tatiana. **O Globo** (digital), caderno Cultura, em 16/12/2014, 10:24. Disponível em 20/2/2016: <http://blogs.oglobo.globo.com/jose-castello/post/o-impasse-de-tatiana-557049.html>.

CRIPA, Marcos. **Entrevista e ética**. São Paulo (SP), Educ, 1998.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2004.

DEBELLIAN, Marcio. **Entrevista com Tatiana Salem Levy**.

<https://www.youtube.com/watch?v=SrBwPys8Wio>

DEMÉTRIO, SILVIO R. **Por um jornalismo contracultural: linhas de fuga no new journalism**. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Comunicação, USP 2007. [acessado em 20/1/2017: https://www.dropbox.com/s/arrh3gu8ju2fwv7/USP_Por%20um%20jornalismo%20contracultural.pdf]

DUARTE, Jorge (organizador). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.

FIORIN, L. ANTONIO. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo. Editora: Ática, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. México; Século XXI. 1999.

FOUCAULT, Michel. **Las palabras y las cosas**. Madrid: Siglo XXI. 1968.

FOUCAULT, Michel. **La arqueología del saber**. Madrid: Siglo XXI. 1970.

FOUCAULT, Michel. **El orden del discurso**. Barcelona: Tusquets Editores. 1973.

FOUCAULT, Michel. **Vigilar y Castigar**. Madrid: Siglo XXI. 1976.

FOUCAULT, Michel. **Historia de la sexualidad**, Tomo 2: El uso de los placeres. Madrid: Siglo XXI. 1986.

FOUCAULT, Michel. **Historia de la sexualidad**, Tomo 3: La inquietud de sí. Madrid: Siglo XXI. 1987.

FOUCAULT, Michel, **Hermenéutica del sujeto**. Madrid: Editores de la Piqueta. 1994.

GIL, AC. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2001.

GOMES, Wilson. O fato como interesse, in: **Revista de Textos de Cultura e Comunicação**, vol. II, n.26, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1991.

GUTIERREZ, Rodríguez, Encarnación. **Intellektuelle Migrantinnen. Subjektivitäten im Zeitalter von Globalisierung**. Opladen: Leske & Budrich. 1999.

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1990.

LAGE, Nilson. **A reportagem – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), Editora Record, 2001.

LARROSA, Jorge. **La experiência de la lectura**. Estudios sobre Literatura y formación. Barcelona: editorial Laertes, 1998, 2ª.ed.

LEVY, Tatiana. https://pt.wikipedia.org/wiki/Tatiana_Salem_Levy.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos** : a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823). São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

MACHADO, Arlindo. **Hipermídia: o labirinto como metáfora**. In: DOMINGUES, Diana. (org.) **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MATTOS, Sérgio. “**As Organizações Globo na mídia impressa**”, in Brittos, Valério Cruz e BOLAÑO, César (orgs.). **Rede Globo: 40 Anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005, pp.267-286.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª edição. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção E História: Imprensa E Construção De Realidade**, Tese de Doutorado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1992;

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista** – o diálogo possível. Série Princípios. São Paulo (SP), Editora Ática, 1986.

MÜHLHAUS, Carla. **Por trás da entrevista**. São Paulo. Editora Record, 2008.

MARTINS, Wilson. **Folhetins**: Machado e José de Alencar, observadores críticos e realistas. In: O Globo, Rio de Janeiro, 13 set. 2003. Prosa & Verso. p.4.

NADLER, D. A. **Arquitetura organizacional: metáfora para mudança**. In: D. A. **organizacional: a chave para a mudança empresarial** (pp. 1-8). Rio de Janeiro: Campus. 1993.

NASCIMENTO, Angeli Rose. **Reflexões sobre experiências de leitura e algumas contribuições do mito de Don Juan**. São Paulo: editora Schoba, no prelo.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV** – Manual de Telejornalismo. 1. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999 .

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo (SP), Editora Contexto, 2005.

OLINTO, Krieger Heidrun. **Literatura, cultura e ficções reais**. In: Literatura e cultura. Org. Heidrun Krieger Olinto e Karl Eric Schollhammer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**. Rio de Janeiro: editora 34, 2005.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. Sexta-feira 4 de março de 2016. Ano 16. n. 799.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 13 de maio de 2016. Ano 17. n. 809.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 3 de junho de 2016. Ano 17. n.812.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 17 de junho de 2016. Ano 17. n. 814.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 8 de julho de 2016. Ano 17. n.817.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 5 de agosto de 2016. Ano 17. n.821.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 23 de setembro de 2016. Ano 17. n.828.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 28 de outubro de 2016. Ano 17. n.813.
- Revista Valor. **Eu&fim de semana**. 21 de setembro de 2016. Ano 17. n. 812.
- SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – notas sobre a narrativa jornalística. 2ª edição. São Paulo (SP), 1986.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil** . 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999;
- SQUARISI, Dad & SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem** – um guia para jornalistas e profissionais do texto. São Paulo (SP), Editora Contexto, 2005.
- SOUZA, Florentina das Neves. **Alguns Momentos Dos 50 Anos Do Telejornalismo No Brasil**, Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 2000;
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: editora Contexto, 2004.
- VAN DIJK, T. **Notícias e conhecimento**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. II Nº 2 - 2º Semestre de 2005.
- VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine** : o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.
- VALOR ECONÔMICO. <http://www.valor.com.br/valor15anos>.

ANEXO II

HISTORICIDADE DO JORNAL VALOR

VALOR, 15 ANOS DE BOM JORNALISMO E REINVENÇÕES

POR CAMILA DIAS E RAQUEL BALARIN

Há 15 anos, dois acionistas e um grupo de jornalistas desafiavam a lógica mercadológica do momento. Enquanto nove em cada dez projetos editoriais da época eram destinados à internet, surgia em uma sala improvisada no centro de São Paulo o embrião do que se tornaria a redação do Valor Econômico. O jornal chegou ao mercado em 2 de maio de 2000 e, em pouco tempo, tornou-se o maior veículo impresso de informação econômica, política, financeira e de negócios do país.

O que parecia um contrassenso era, na verdade, resultado de um projeto sólido, muita pesquisa e trabalho árduo de uma equipe altamente especializada que passou cinco meses preparando o Valor para sua chegada ao mercado. Na era da internet, o jornal já nasceu com sua versão web, além de contar com a produção própria de conteúdo diário para o site.



Celso Pinto (o segundo à direita, de gravata vermelha) reúne os primeiros integrantes do jornal em uma sala na Folha de S. Paulo

Fruto da associação entre as Organizações Globo e o Grupo Folha, com 50% de participação cada um, o Valor consumiu investimentos de US\$ 50 milhões, parte disso aportado com serviços de impressão e distribuição prestados pelos sócios e depois transformados em capital. A cúpula do jornal, com o jornalista Celso Pinto à frente, apoiado pelos jornalistas Vera Brandimarte (atual diretora de Redação) e Carlos Eduardo Lins da Silva, foi anunciada em 26 de novembro de 1999. Esse pequeno grupo deu início aos primeiros rascunhos das linhas mestras da publicação.

No fim de janeiro de 2000, a equipe se mudou, em caráter provisório, para o quarto andar do prédio da Editora Globo, na avenida Jaguaré, em São Paulo, enquanto o primeiro andar do mesmo prédio era reformado para receber os funcionários do novo veículo de comunicação. Enquanto fios e tijolos eram colocados aqui e ali no primeiro andar, acordos com publicações estrangeiras e contratações eram fechados no quarto andar, em meio a projetos gráficos e muitas reuniões. O primeiro andar do prédio “da Jaguaré” foi ocupado pelo Valor até maio de 2011, quando a empresa se mudou para o atual endereço, na avenida Francisco Matarazzo, na Água Branca, em São Paulo.

A decisão de investir em um diário econômico em pleno boom da internet não foi um arroubo inconsequente de Folha e Globo. Em 1998, um estudo do instituto de pesquisas controlado pela Folha, o Datafolha, mostrava o jornal impresso como o principal meio utilizado pelo público para obter informações e análises econômicas e financeiras. Identificava, ainda, que havia espaço para outro diário econômico em um mercado até então dominado pela já extinta Gazeta Mercantil, que àquela época, enfrentava sérias dificuldades financeiras.

De janeiro a abril de 2000, outras pesquisas de opinião e qualitativas foram conduzidas pelo Datafolha e pela Feedback&Database, para colher mais informações sobre hábitos e expectativas dos leitores de conteúdo jornalístico econômico.

Para a sustentação financeira do projeto, havia a publicidade legal (publicação em jornais de circulação nacional de demonstrações de resultado e comunicados das empresas de capital aberto), feita tradicionalmente em jornais econômicos. Além disso, os sócios já possuíam toda a estrutura de impressão e distribuição nacional. Faltava apenas uma equipe de primeira linha que produzisse um conteúdo diferenciado e alta qualidade.

O início do jornal: fotos mostram desde as primeiras reuniões na redação da Av. Jaguaré até o primeiro exemplar, comemorado com champanhe.

A construção

Sob o comando do jornalista Celso Pinto, então diretor de redação, 164 jornalistas começaram a trabalhar em ritmo de jornal diário em 13 de março de 2000, com reuniões de pauta pela manhã e edições experimentais até o dia do lançamento. A equipe incluía as sucursais de Brasília e Rio, além de correspondentes em Buenos Aires, Washington, Londres, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

Os diversos “números zero” produzidos pela equipe foram avaliados pelos grupos de foco da *Feedback&Database*. A redação recebia, então, as primeiras reações do público alvo do jornal ao trabalho que vinha realizando. De maneira geral, o Valor era visto como um jornal bonito, agradável de ler, com textos concisos, porém profundos.

O projeto gráfico do jornal foi desenvolvido pelo inglês Simon Esterson, pelo americano John Belknap e pelo escocês Ally Palmer, que trabalhavam no Reino Unido e carregavam no currículo a criação ou reformulação de jornais europeus como o “The Guardian”, “The Independent on Sunday”, “Sunday Business”, entre outros. Entre os principais pontos do projeto, o uso de fotos fortes e muita informação gráfica.

O novo jornal conquistou rapidamente o público. E novidades foram incorporadas nos anos seguintes. Em 2001, passaria a ser publicado o anuário Valor 1000, com rankings e análises de balanço das 1000 maiores empresas brasileiras,

de capital aberto e fechado. O levantamento minucioso, realizado por uma equipe de economistas liderada por William Volpato, inclui a captura de centenas e centenas de balanços em papel e ligações telefônicas, à vezes, para contadores ou controladores de muitas dessas empresas. O “trabalho de formiguinha” e as pilhas de papel armazenadas foram as bases para o desenvolvimento, anos mais tarde, do módulo Valor Empresas do serviço de informação em tempo real do Valor.

Outra novidade incorporada ao Valor em seus primeiros passos foi o Executivo de Valor, publicação com o perfil de executivos eleitos como destaque em seus setores, em votação promovida entre headhunters. Assim como o Valor 1000, a publicação *Executivo de Valor* sempre foi acompanhada por um evento de premiação, com a presença dos mais importantes empresários e banqueiros do país, além de autoridades. A família de anuários inclui ainda o “Valor Grandes Grupos”, que traz, graficamente, as árvores societárias das maiores holdings do país, o “Valor Carreira” (As melhores empresas na gestão de pessoas) e o ranking de inovação, que será lançado ainda este ano.

Lançado em maio de 2000, consolidou-se como o maior veículo de economia e finanças do país, com circulação de: 61 mil exemplares e 180 mil leitores

Os contratemplos

Nos primeiros anos do “Valor Econômico”, entretanto, nem tudo saiu como o planejado. Apesar de o jornal impresso e o site terem adquirido rapidamente a confiança do leitor e arrebanhado prêmios de jornalismo, a forte valorização do dólar frente o real, às vésperas da passagem de bastão de Fernando Henrique Cardoso a Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência da República trouxe instabilidade à economia. Em 2003, toma-se a difícil decisão de cortar 50% do pessoal de toda a empresa, inclusive da redação. O portal é terceirizado. O conteúdo na web continua sob responsabilidade do Valor, mas a venda de publicidade digital, cadastros, venda de conteúdo e gestão tecnológica do portal passa a uma empresa terceirizada. Outro baque foi o problema de saúde do diretor de redação e um dos principais idealizadores do “Valor”, Celso Pinto, que o obrigou a se afastar da empresa.

Superação

Os dias difíceis fizeram aflorar uma grande qualidade da equipe “Valor”: a coragem para enfrentar e superar as adversidades. Em 2005, menos de dois anos depois dos dois grandes baques que afetaram a empresa, o “Valor” já era o líder em publicidade legal entre jornais de circulação nacional e sua tiragem ultrapassava os 60 mil exemplares diários. O concorrente “Gazeta Mercantil” tinha ficado para trás.

Os anos seguintes foram intensos no planejamento estratégico do jornal. Era cristalina, naquele momento, a necessidade de evolução digital do “Valor”. Em 2007, inicia-se o projeto, por exemplo, para a digitalização dos balanços acumulados durante anos e a criação de um banco de dados eletrônico de empresas. Em 2008, o “Valor” retoma seu portal, até então terceirizado. Em 2010, ao comemorar sua primeira década, os acionistas do Valor aprovam um investimento de R\$ 100 milhões para uma nova plataforma digital, enquanto o jornal impresso passa por uma revisão da apresentação gráfica, feita pelo escritório de design inglês *Esterson Associates*, dirigido por Simon Esterson, um dos três que desenharam o projeto do “Valor” em sua concepção. A ideia era manter a linha mestra do projeto, tornando o jornal apenas mais leve e fácil de ler.

Fonte: <http://www.valor.com.br/valor15anos>

Sobre a autora

ANGELI ROSE

É Professora de Literatura há mais de 20 anos, com atuações na educação básica e no ensino superior presencial e a distância. Poeta, contista, contadora de histórias, especialista em literatura brasileira e jornalismo cultural(UERJ); mestre em educação e doutora em letras (PUC-Rio); e ministra cursos e oficinas livres sobre formação de leitores na contemporaneidade. Ganhou um premio da FUNDACIÓN MARÍA ZAMBRANO (Espanha) pelo projeto de tese; teve sua composição classificada e publicada pela ABL sobre "palavra e imagem". E recentemente foi agraciada com o premio e a comenda de Excelência e Qualidade em Educação, pela Braslíder/SP. Atualmente, desenvolve pesquisa no estágio pós-doutoral em Educação sobre literatura digital e formação de professores (UFRJ).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-47-9



9 788593 243479